

Ana Carolina Silva

*Eu nem quero, mas tem de ser:*  
**correlatos da coerção sexual com  
dimensões sociocognitivas do  
comportamento**



Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2019/2020

Ana Carolina Silva

***Eu nem quero, mas tem de ser:***  
**correlatos da coerção sexual com**  
**dimensões sociocognitivas do**  
**comportamento**

Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Trabalho efetuado sobre orientação de: Prof.<sup>a</sup> Doutora Alexandra Gomes



Universidade do Algarve Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2019/2020

## Agradecimentos

É com grande satisfação que agradeço a todos aqueles que contribuíram de alguma forma para a realização desta tese de mestrado, mais uma etapa na minha formação académica.

Primeiramente, quero agradecer à Professora Doutora Alexandra Gomes, minha orientadora, por todo o apoio prestado ao longo desta etapa e por me permitir crescer academicamente.

Em segundo, agradecer aos meus amigos, universitários e não universitários, por sempre me apoiarem e estarem presentes nesta etapa da minha vida. Serão pessoas que sempre irei recordar com um carinho especial e levar para sempre no meu coração.

O meu mais profundo agradecimento é dirigido aos meus pais e à minha irmã, por todo o apoio incondicional que me deram ao longo desta caminhada, bem como em toda a minha vida. Pelo encorajamento e aconselhamento em dias difíceis, mas também por toda a alegria e amor que me transmitiram e continuam a transmitir.

*EU NEM QUERO, MAS TEM DE SER: CORRELATOS DA COERÇÃO SEXUAL COM DIMENSÕES SOCIOCÓGNITIVAS DO COMPORTAMENTO*

**Declaração de Autoria do Trabalho**

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da linguagem de referências incluída.

---

Ana Carolina Silva

### *Copyright*

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos

## RESUMO

O presente estudo teve como principal objetivo verificar o efeito de um conjunto de variáveis numa atitude face à coerção sexual da sociedade portuguesa. O estudo realizou-se numa amostra da população geral, num total de 95 adultos dos quais 47 dos indivíduos eram do sexo masculino e 48 do sexo feminino. Para este efeito foram utilizadas 5 escalas diferentes para analisar as atitudes face à coerção sexual e alguns scripts como as crenças.

Os nossos principais resultados sugerem que, como esperado, os homens apresentaram médias superiores às mulheres em todas as variáveis em estudo, bem como em comportamentos de perpetuação. No que toca à atitude face à coerção sexual, ainda que se tenha compreendido que o duplo padrão sexual e as crenças face à violência sexual possam ser determinantes para a mesma, não há um contributo específico das variáveis em estudo (duplo padrão sexual, sexismo ambivalente, orientação de dominância social e crenças sexuais). Verificámos, ainda, que apenas algumas dimensões da atitude explicam os comportamentos de vitimização e de perpetuação. Além disso, uma dessas dimensões explica negativamente esses mesmos comportamentos. Assim, não foi possível confirmar que quanto mais favorável a atitude face à coerção sexual, maior a probabilidade de ter sido vítima de coerção sexual e/ou, de ter tido comportamentos de perpetuação.

**Palavras-chave:** Coerção sexual; sexismo; duplo padrão sexual; crenças; atitude face à coerção sexual;

## **ABSTRACT**

The present study had as main purpose to explore the correlations of sexual coercion with socio-cognitive dimensions of the behavior of the Portuguese society. The study used a sample of the general population in a total of 95 adults, of which 47 were males and 45 females. For this purpose, we used 5 different scales to analyze attitudes towards sexual coercion and some scripts, such as the beliefs.

Our main results suggest that, as expected, men show higher scores than women in all variables, as well as in perpetuation behavior. Regarding the attitude towards sexual coercion, results shows that sexual double standard and beliefs towards sexual violence may be determinant to the attitude. However, there is not any specific contribution of the variables in study for that attitude. We also found that only few attitude dimensions explain the victimization and perpetuation behaviors. Furthermore, one of those dimensions negatively explain those same behaviors. This way was not possible to confirm that the more favorable attitude towards sexual coercion is, the more probability exists to be victim or perpetrator.

**Keywords:** sexual coercion; sexism; sexual double standard; sexual beliefs; attitude towards sexual coercion.

# ÍNDICE

1. Introdução.....	1
2. Enquadramento Conceptual.....	3
2.1. Coerção Sexual .....	3
2.2. Coerção Sexual Entre Parceiros Íntimos .....	4
2.3. Coerção Sexual e Diferenças de Género.....	4
2.4. Sexismo.....	6
2.5. Duplo Padrão Sexual .....	7
2.6. Dominância Social .....	8
2.7. Crenças Sexuais .....	9
2.8. Atitude Face à Coerção Sexual .....	10
3. Problema/ Objetivos .....	12
4. Metodologia.....	15
4.1. Tipo de Estudo .....	15
4.2. Amostra.....	15
4.3. Instrumentos.....	15
4.3.1. Questionário sociodemográfico.....	15
4.3.2. Questionário sobre história de relacionamentos amorosos e coerção sexual	16
4.3.3. Inventário de sexismo ambivalente (ASI).....	16
4.3.4. <i>Sexual beliefs scale</i> .....	17
4.3.5. Escala de duplo padrão sexual .....	18
4.3.6. Escala de orientação da dominância social .....	19
4.3.7. Escala da atitude face à coerção sexual.....	19
4.4. Procedimento de Recolha de Dados .....	19
4.5. Procedimento de Análise Estatística.....	20
5. Resultados.....	21
5.1. Características dos Participantes.....	21

5.2. Caracterização da percepção de coerção sexual .....	21
5.3. Caracterização do comportamento de coerção sexual perante o comportamento de resistência e passividade .....	22
5.4. Análise Fatorial Exploratória da Atitude Face à Coerção Sexual .....	24
5.4.1. Dimensão um (afetiva) .....	27
5.4.2. Dimensão dois (comportamental) .....	27
5.4.3. Dimensão três (cognitiva) .....	27
5.5. Caracterização das variáveis sociocognitivas .....	28
5.6. Diferenças entre homens e mulheres .....	29
5.7. Correlações entre variáveis explicativas .....	31
5.8. Teste do modelo teórico .....	34
6. Discussão .....	46
7. Referências Bibliográficas .....	53
8. Anexo .....	59

## Índice de Tabelas

Tabela 4.1. Tabela descritiva do comportamento coercivo (passividade e resistência) .	22
Tabela 4.2. Correlações de <i>Pearson</i> entre itens da medida de Coerção Sexual .....	23
Tabela 4.3. Componentes da atitude face à coerção sexual.....	25
Tabela 4.4. Estatística descritiva das variáveis sociocognitivas.....	28
Tabela 4.5. Diferenças entre sexos .....	30
Tabela 4.6. Correlações de <i>Pearson</i> entre variáveis do estudo .....	33
Tabela 4.7. Modelo sumário - cognitiva.....	34
Tabela 4.8. Coeficientes de regressão .....	35
Tabela 4.9. Modelos sumários - Afetiva .....	35
Tabela 4.10. Coeficientes de regressão .....	36
Tabela 4.11. Modelo Sumário - Comportamental .....	37
Tabela 4.12 Coeficientes de regressão .....	37
Tabela 4.13. Modelo sumário - Vítima.....	38
Tabela 4.14. Coeficientes de regressão .....	38
Tabela 4.15. Modelo sumário - Perpetuador .....	39
Tabela 4.16. Coeficientes de regressão .....	39
Tabela 4.17. Modelo sumário -Cognitiva.....	40
Tabela 4.18. Coeficientes de regressão .....	41
Tabela 4.19. Modelo sumário - Afetiva.....	42
Tabela 4.20. Coeficientes de regressão .....	42
Tabela 4.21. Modelo sumário - Comportamental.....	43
Tabela 4.22. Coeficientes de regressão .....	43
Tabela 4.23. Modelo sumário - Vítima.....	44
Tabela 4.24. Coeficientes de regressão .....	44
Tabela 4.25. Modelo sumário - Perpetuador .....	44
Tabela 4.26. Coeficientes de regressão .....	45

## Índice de Figuras

Figura 3.1. Modelo de análise .....	13
Figura 5.2 Modelo explicativo de comportamentos de vitimização e Perpetuação em mulheres .....	40
Figura 5.3 Modelo explicativo de comportamentos de vitimização e Perpetuação em homens.....	45

## 1. INTRODUÇÃO

Apesar do aumento da consciencialização e do aumento dos esforços para combater as agressões sexuais nas últimas décadas, a vitimização sexual continua bastante presente nas sociedades de todo o mundo (Lamarch & Seery, 2019), constituindo um problema social e de saúde pública (Stalans & Ritchie, 2008) que, frequentemente, tem um impacto negativo no bem-estar emocional e social da vítima e da sua família (WHO, 2010).

Estudos apontam que a violência sexual incide, principalmente, em crianças, adolescentes e jovens mulheres. Nos Estados Unidos, uma em cada três mulheres e um em cada seis homens são vítimas deste tipo de violência (Lamarche & Seery, 2019). No entanto, é importante frisar que estas estatísticas atingem valores muito superiores em comunidades com menores taxas de igualdade de género (Bryant-Davis et al., 2009; Kalra & Bhugra, 2013; Lamarche & Seery, 2019) e valores muito mais alarmantes quando a definição de violência sexual abrange situações de coerção sexual (Moraes et al., 2006). Estes valores representam apenas a ponta do *iceberg*, uma vez que a maioria das pessoas não denuncia formalmente a sua vitimização (Fisher et al., 2000; Lamarche, & Seery, 2019).

A persistente assimetria de poder entre os géneros, no mundo social, repercute numa constante vulnerabilidade feminina nas relações com homens em diversos níveis, incluindo no domínio sexual (Moraes et al., 2006; Adams-Curtis & Forbes, 2004; Cordeiro et al., 2009; Byers, 1996). Esta pode estar associada a uma maior probabilidade de violência sexual. Para tal, parecem contribuir: a) o duplo padrão sexual, que diz respeito a um conjunto de normas sociais que determinam a prática de comportamentos sexuais diferenciados para ambos os sexos (Ramos et al., 2005); b) o sexismo, que diz respeito um preconceito relativo ao papel apropriado na sociedade de cada sexo, com implicações negativas para as mulheres; e c) as crenças heteronormativas, que criam um conjunto de relações entre feminilidade e masculinidade que sustentam maior poder e *status* dos homens (Impett & Peplau, 2003; Mahoney & Knudson-Martin, 2009). Por conseguinte, todas estas dimensões têm influência sobre as atitudes explícitas sobre a coerção sexual. Não obstante a relevância social deste fenómeno, ainda existem algumas lacunas nesta área de estudo, em especial na sua parte social e nos seus precedentes sociocognitivos, tanto para a vitimização como na perpetuação. Embora seja importante estudar as suas consequências, ainda mais importante será analisar os seus precedentes de modo a tentar diminuir as elevadas estatísticas, agindo de forma preventiva.

A presente investigação tem como objetivo descrever o comportamento de coerção sexual entre parceiros e estabelecer a relação explicativa do sexismo ambivalente, duplo padrão sexual, orientação de dominância social e crenças sexuais com a atitude face à coerção sexual e ainda estudar relação explicativa entre a atitude face à coerção sexual e o comportamento de coerção sexual, tanto de vítima como de perpetrador.

Desta forma, o presente estudo divide-se em duas partes. A primeira parte diz respeito ao enquadramento teórico, onde vão ser apresentadas algumas ideias de estudos empíricos e perspectivas teóricas que sustentam a relação entre a coerção sexual, entre parceiros íntimos, e a influência das dimensões sociocognitivas do comportamento que, podem explicar ou legitimar o uso de coerção sexual entre parceiros íntimos. A segunda parte é referente ao estudo empírico, onde primeiramente é apresentada a metodologia, expondo a delimitação do problema e os objetivos da presente investigação, é ainda caracterizada a amostra do estudo, descritos os instrumentos utilizados, bem como, o procedimento de recolha de dados. De seguida, serão apresentados os principais resultados obtidos. Por último, os resultados serão discutidos com o recurso à revisão da literatura efetuada, onde se irá enumerar as principais conclusões e limitações do estudo, bem como algumas sugestões para estudos futuros.

## **2. ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL**

### **2.1. COERÇÃO SEXUAL**

A definição de coerção sexual não é consistente, sendo que existem diversas definições para este termo. Na sua maioria, esta é caracterizada por comportamentos, atitudes e práticas que podem levar a diversas consequências e possíveis cenários, que envolvem atos contra a liberdade sexual e experiências de sexo forçado (mesmo entre parceiros íntimos). Estes comportamentos são variados, podendo a coerção sexual assumir uma faceta verbal (coerção verbal) onde o perpetrador utiliza, por exemplo a manipulação verbal (e.g. táticas como constrangimentos, pressão verbal (insistência) e chantagens), ou uma faceta mais física, onde é utilizada a agressão física forçada e/ou violação (Eaton & Matamala, 2014; Hines, 2007; Eaton & Stephens, 2019; Cordeiro et al., 2009; Lamarche & Seery, 2019; Fernández-Fuertes, et al., 2018; Russell & Oswald, 2001). O sexo consentido sem desejo e mediante falsas promessas e mentiras é tido, ainda, por algumas pesquisas, como forçado (Waldner et al., 1999; Cordeiro et al., 2009) o que expressa bem a polissemia do termo.

Como já referido na introdução e, apesar do aumento da consciencialização e dos esforços para combater a coerção sexual, esta continua a ser bastante frequente nas sociedades de todo o mundo (Lamarche & Seery, 2019). Num estudo realizado em Portugal por Paiva e Figueiredo (2004) a 318 estudantes universitários, um quarto da amostra (25,6%) mostrou ser vítima de coerção sexual e 18,9%, diz ser perpetrador. Nesse estudo foi ainda possível verificar uma associação entre a vitimização e a perpetração de coerção sexual, sendo que os participantes que mostraram ser vítimas também mostraram ser mais perpetradores. Desta forma, os sujeitos que perpetram apresentam um risco 30 vezes maior de poder vir a serem vítimas de coerção sexual, comparativamente aos que não perpetram. Tendo em conta que estes são dados apenas de universitários, é então possível prever que a nível nacional e com uma amostra com uma faixa etária mais abrangente estes dados tomem valores superiores, o que é preocupante. É importante voltar a referir que estes valores representam apenas a ponta do iceberg, uma vez que a maioria das pessoas não denuncia formalmente a sua vitimização (Fisher et al., 2000; Lamarche, & Seery, 2019).

## **2.2. COERÇÃO SEXUAL ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS**

Como já anteriormente mencionado a coerção sexual muitas das vezes acontece em parceiros íntimos, existindo estudos que apontam a coerção verbal como sendo a forma de coerção sexual mais usada, tanto por homens como por mulheres neste tipo de relacionamentos (Russell & Oswald, 2001).

Por ser considerada uma forma menos óbvia de violência por parceiro íntimo (VPI), a coerção sexual verbal é, muitas vezes, negligenciada na dinâmica dos relacionamentos íntimos (Dutton & Goodman, 2005; Eaton & Stephens, 2019). Embora sejam as mulheres as que mais frequentemente apareçam como vítimas de coerção sexual (Moraes et al., 2006; Black et al., 2011; Kelly et al., 2015; Brousseau et al., 2012), estudos recentes apontam para uma vitimização de coerção sexual também em homens (Bouffard et al., 2016; Eaton & Matamala, 2014; Fernández-Fuertes et al., 2018; Russell & Oswald, 2001), sendo que, num estudo conduzido por Russell e Oswald (2001), 43% dos homens reportam ter passado por situações de coerção. Apesar de haver, cada vez mais, uma aceitação/ normalização de casais homossexuais, ainda existem poucos estudos a abordarem a questão da coerção sexual entre parceiros do mesmo sexo, desta forma esta continua a ser tratada como uma realidade de casais heterossexuais (Cordeiro et al., 2009).

## **2.3. COERÇÃO SEXUAL E DIFERENÇAS DE GÊNERO**

Embora haja cada vez mais uma procura de igualdade de géneros na sociedade atual, tem-se verificado uma persistente assimetria de poder entre os géneros no mundo social, o que leva a uma constante vulnerabilidade feminina nas relações com homens em diversos níveis, incluindo no domínio sexual (Moraes et al., 2006; Adams-Curtis, & Forbes, 2004; Cordeiro et al., 2009; Byers, 1996). Esta realidade poderá vir a explicar o porquê de, como referido anteriormente, a coerção sexual continuar a ser tratada como uma realidade entre casais heterossexuais.

Diversos estudos têm-se focado nesta diferença de géneros e a sua relação com a coerção sexual, nomeadamente na existência de scripts sexuais diferentes para homens e mulheres (Byers, 1996; Cordeiro et al., 2009). Referem-se a diretrizes culturalmente incorporadas para comportamentos, emoções e cognições, apropriadas para homens e mulheres, em experiências sexuais (Cordeiro et al., 2009; Byers, 1996; Marshall et al., 2018). Um dos scripts mais popular é o script sexual tradicional (SST) onde as expectativas do comportamento e atitudes de homens e mulheres, em situações sexuais,

são muito diferentes (Byer 1996). O SST defende que os homens estão sempre dispostos a explorar/buscar qualquer oportunidade sexual disponibilizada por uma mulher, sendo vistos como iniciadores das situações sexuais. Prevendo, ainda, que o “não” da mulher em situações sexuais seja normal e que não significa exatamente “não”. Como tal, aceita o uso de uma variedade de estratégias de influência coerciva e não coerciva na tentativa de superar a relutância da mulher em se envolver na atividade sexual (justificada pelo *token resistance*- termo comumente referido na sedução, que denota uma rejeição de avanços, quase sempre do tipo sexual, com a intenção de realmente se envolver na atividade que foi inicialmente rejeitada (Muehlenhard & Rodgers, 1998)), uma vez que os homens que respeitam a recusa da mulher podem ser vistos como não suficientemente masculinos para obter acesso sexual (Byers, 1996). Acredita-se que a coerção sexual seja aprendida e mantida por meio da socialização generalizada desse script sexual comportamental, dos papéis tradicionais de gênero e das atitudes e crenças que apoiam e toleram a coerção sexual em pelo menos algumas circunstâncias (Byers, 1996). Como esses scripts sexuais supõem e exigem que os homens iniciem e busquem níveis cada vez maiores de intimidade sexual com parceiros do sexo feminino, eles são incompatíveis com a possibilidade de que os homens sejam vítimas de uma agressora sexual feminina. Os scripts sexuais masculinos, na maioria das culturas, também parecem exigir que os homens minimizem ou ignorem o medo da coerção sexual feminina, porque se espera que as mulheres sejam menores, mais fracas e menos ansiosas por sexo (Elder et al., 2012; Stephens & Eaton, 2014; Byers, 1996), o que pode justificar a baixa percentagem de homens que reportam ter passado por situações de coerção.

Tendo em conta a definição de scripts sexuais tradicionais e a diferença de gêneros no que toca a relacionamentos íntimos, existem algumas teorias que sugerem que a coerção sexual é motivada pelo poder desta diferença entre sexos (Russell & Oswald, 2001), enquanto outras acreditam que as disposições associadas à vitimização são agravadas pelos papéis sexuais, domínio social e hostilidade em relação às mulheres (Glick & Fiske, 1996; Russell & Oswald, 2001).

## 2.4. SEXISMO

A coerção sexual tem vindo a ser descrita como um fenómeno social que reflete um conjunto de estereótipos do papel sexual de uma sociedade sexista (Brownmiller, 1975). Além disso, estudos apontam que homens perpetradores apresentam mais atitudes sexistas do que os não perpetradores. Desta forma, podemos afirmar que o sexismo está intimamente relacionado com a coerção sexual e com as diferenças de género (Lacasse & Mendelson, 2007).

Segundo Formiga (2017a: 50), este passa essencialmente por um “conjunto de estereótipos sobre a avaliação cognitiva, afetiva e atitudinal acerca do papel apropriado na sociedade dirigida aos indivíduos de acordo com o sexo” na sociedade. Deste modo, o sexismo é uma forma de preconceito que se baseia numa atitude negativa para um determinado género, particularmente contra as mulheres (Glick & Fiske, 1996; Expósito et al., 1996;). Contudo, assente na observação de que as formas de sexismo se tornaram mais suavizadas e ambivalentes, Glick e Fiske (1996) propuseram uma medida que diferencia duas manifestações do sexismo: a *hostil* e a *benevolente*. No que toca à maneira *hostil*, esta é a expressão mais clara de preconceito em relação às mulheres, aproximando-se da definição clássica deste atributo psicossocial (Formiga, 2017). No entanto, esta não aparenta ser a forma sexista mais utilizada na sociedade atual, uma vez que existe cada vez mais uma procura pela igualdade de direitos e deveres de géneros. Por outro lado, a maneira *benevolente* constitui-se a partir de concessões e tratamentos diferenciados entre homens e mulheres, referindo-se a uma atitude positiva, aparentemente não preconceituosa em relação à mulher, porém descrevendo-a como pessoa frágil, a precisar de atenção, etc. (Formiga, 2017). Este tipo de sexismo está intimamente ligado à relação que se estabelece entre homens e mulheres e respetiva manutenção do *status* entre sexos, e ao paternalismo protecionista (Glick & Fiske, 1996).

Uma vez que o sexismo é um construto multidimensional que engloba dois conjuntos de atitudes sexistas (o sexismo hostil e o sexismo benevolente), este pode ser considerado como sendo sexismo ambivalente. A noção de ambivalência vem da substituição de formas mais agressivas do sexismo, por formas mais subtis, sendo que ambas continuam a existir e a discriminar a mulher. Embora o conceito de ambivalência esteja tipicamente associado a crenças negativamente correlacionadas, ou não correlacionadas, este conceito aplica-se ao sexismo uma vez que, mesmo que as crenças, sobre as mulheres, do sexismo hostil e benevolente estejam positivamente relacionadas,

elas têm implicações avaliativas opostas, cumprindo o sentido literal de ambivalência. Outra razão para a utilização do termo de ambivalência no sexismo diz respeito polarização de visões relativamente à mulher (“santa” ou “impura”). Por um lado, temos a mulher “dona de casa”, a mulher que apresenta o papel tradicional, que vai ao encontro aos scripts sexuais tradicionais. Por outro lado, temos a mulher feminista, a mulher que desafia ou ameaça as necessidades e desejos do homem tradicional, rompendo com os scripts tradicionais (Glick & Fiske, 1996). Ou seja, o sexismo ambivalente junta as visões do sexismo hostil e do sexismo benevolente, uma vez que, se por um lado consideraram as mulheres como sendo “vadias”, por outro lado também têm, por exemplo, mães, mulheres a quem não atribuem essa visão hostil e sim benevolente, criando dessa forma uma dualidade.

## **2.5. DUPLO PADRÃO SEXUAL**

Muito relacionado com comportamentos coercivos e intimamente ligada ao sexismo temos o duplo padrão sexual. Como já referido anteriormente o sexismo é um preconceito em relação às mulheres com base na categoria do sexo, baseada no conteúdo do estereótipo que está associado aos homens e às mulheres e de onde o duplo padrão sexual emana. Ou seja, esta variável diz respeito ao que é esperado dos homens e das mulheres a nível de comportamento sexual, provindo também do conteúdo do estereótipo.

Reiss, em 1964, após várias investigações sobre o modelo de padrões sexuais, definiu o conceito de “Duplo Padrão Sexual”. Este conceito refere-se a um conjunto de normas sociais que determinam a prática de comportamentos sexuais diferenciados para ambos os sexos, sendo que seria atribuído ao homem uma maior liberdade sexual (Ramos et al., 2005). Estudos sugerem que a socialização tradicional ao imputar papéis e expectativas diferenciadas a homens e mulheres nas relações afetivo-sexuais, constituindo um “duplo padrão sexual”, contribui para a ocorrência de conflito nessas relações (Cordeiro et al., 2009). A premissa sugere então que, o “duplo padrão sexual” ao orientar os scripts heterossexuais implicaria percepções distintas em cada género, sobre o grau de intimidade esperado e desejado entre parceiros, podendo propiciar a ocorrência de eventos coercitivos.

Estudos indicam que existe uma forte ligação entre o duplo padrão sexual (DPS) e acontecimentos violentos no namoro, uma vez que o duplo padrão sexual afeta as

percepções de sexo e das situações sexuais, tanto em homens como em mulheres. Um estudo de Kim et al. (2019) confirmou que o DPS está associado ao reconhecimento da violência no namoro e que indivíduos com um duplo padrão sexual mais aberto (não tão tradicional) tendem a ser mais assertivas em situações sexuais, diminuindo a probabilidade de virem a ser vítimas de coerção e/ou violência sexual. Desta forma, a assertividade mostra estar correlacionada com ideias conservadoras de papéis de género (duplo padrão sexual mais tradicional) e com atitudes sexuais tradicionais. Assim, as situações normativas de género podem ser um fator importante para enfrentar situações de coerção e/ou violência sexual (Kim et al., 2019).

## **2.6. DOMINÂNCIA SOCIAL**

A Orientação para a Dominância Social (ODS) é, vulgarmente, considerada um construto psicológico individual que se pode expressar em diferentes níveis, sendo que, indivíduos com elevados níveis de ODS tendem a favorecer ideologias que promovem a hierarquia (Wachelke & Matos, 2019).

O sexismo e a orientação para a dominância social mostram estar intimamente ligados, não só por refletir a oposição à igualdade de grupos, como também, por predizer muitas formas de preconceito (Christopher & Wojda, 2008; Ekehammar et al., 2000; Kelly et al., 2015). Assim, a ODS está positivamente correlacionada com vários índices de hostilidade para com as mulheres. Os homens que acreditam ser socialmente dominantes são menos favoráveis aos direitos das mulheres, tendendo a preferir papéis de género mais tradicionais, acreditando que são eles que têm de ditar o que acontece no sexo e que as mulheres devem tolerar o assédio sexual (Kelly et al., 2015).

Um estudo relativamente recente, com estudantes universitários da Nova Zelândia, aponta que a ODS mostra ser um preditor significativo da homofobia, sendo que, ainda no mesmo estudo, os homens apresentaram níveis mais elevados de ODS que as mulheres (Wachelke & Matos, 2019). Até ao momento, poucos foram os estudos que investigaram se a ODS pode influenciar a violência baseada no género em jovens adultos. No entanto, resultados desses estudos mostram que a ODS é um mecanismo pertinente para a agressão hostil, sendo que os homens com níveis mais elevados de ODS apresentavam maior probabilidade de discriminar mulheres e aplicar ações que aumentam a hierarquia, como comportamentos violentes, agressivos e humilhantes. Berke e

Zeichner (2016) apontam que preferir a desigualdade entre grupos pode representar um fator elevado de risco para a prática de violência contra as mulheres (Rollero et al., 2019).

## **2.7. CRENÇAS SEXUAIS**

Como exposto anteriormente, existem vários fatores de risco que poderão levar a que um indivíduo tenha comportamentos de vitimização e/ou perpetuação. Todos estes fatores encontrando-se interligados entre si, sendo que, é praticamente consensual que o sexo masculino constitui o principal grupo de risco para a perpetuação de violência/coerção sexual. Esta relação poderá ser explicada pelos diferentes papéis sexuais, crenças e atitudes, presentes na sociedade, em relação à sexualidade e à agressão (Caridade & Machado, 2008).

Os rapazes parecem manifestar uma percepção distinta das raparigas, no que concerne à violência sexual, decorrente da forma como absorvem os mitos associados à violação e as atitudes sexistas tradicionais emergentes do discurso social (Marx et al., 1996). Desta forma, podemos afirmar que outra variável associada à coerção sexual diz respeito às crenças sexuais, bastante relacionadas com os scripts. A crença cultural de que homens e mulheres possuem pulsões, necessidades e papéis naturalmente complementares é comumente conhecida como heteronormatividade. As crenças heteronormativas devem ser entendidas e representadas como um conceito subjacente que motiva a maioria, senão todas, medidas de sexualidade heterossexual e relações de género. Como outros estereótipos de género, a heteronormatividade cria um conjunto de relações entre feminilidade e masculinidade que sustentam maior poder e status dos homens (Impett & Peplau, 2003; Mahoney e Knudson-Martin, 2009; Eaton & Matamala, 2014). Crenças como os homens devem dominar as mulheres sexualmente, os homens estão sempre prontos para o sexo, a atividade sexual dos homens é mais aceitável do que a das mulheres e crenças sexistas hostis e benevolentes (Eaton & Matamala, 2014), já foram correlacionadas individualmente com a aceitação e o uso de táticas de influência verbal nos relacionamentos. Por exemplo, homens que concordam com estereótipos sobre a sexualidade masculina (como a ideia de que os homens estão sempre prontos para o sexo) usam estratégias de poder unilaterais nos relacionamentos íntimos, enquanto as mulheres que usam estratégias de prevenção unilaterais e táticas de conformidade com parceiros íntimos (Eaton & Matamala, 2014). Isso sugere que, as crenças convencionais

sobre a sexualidade masculina estão associadas a estratégias de influência unilateral e egoísta (vs. estratégias bilaterais e interativas) em homens e mulheres.

Partindo, ainda, da ideia de que a cultura tem um forte impacto nas nossas crenças e comportamentos, estudos relativos à teoria da aprendizagem social, apontam que a violação é primariamente influenciada pela cultura que fomenta papéis de gênero restritivos, onde a sexualidade coerciva é legitimada. Assim, os indivíduos assimilam motivos, atitudes e outras racionalizações que alimentam o comportamento sexualmente coercivo. Desta forma, a violência sexual é encarada como um comportamento aprendido, proveniente das interações ambientais e rotinas sociais (Caridade & Machado, 2008).

## **2.8. ATITUDE FACE À COERÇÃO SEXUAL**

Para além dos fatores de risco apresentados anteriormente, a atitude face à coerção sexual também deverá ser abordada. Uma vez que, também esta mostra estar relacionada com os comportamentos de vitimização e/ou perpetração face à coerção sexual. O termo “atitude” é frequentemente usado como definição de sentimentos, emoções, crenças, expectativas, julgamentos, avaliações, valores, princípios, opiniões e intenções (Jain, 2014). Além disso, está comprovado que a atitude influencia o comportamento. Ajzen desenvolveu diversos estudos em volta da relação entre a atitude e o comportamento. Em 1985, Ajzen cria o “modelo da teoria do comportamento planeado”. Esta teoria refere a existência de três determinantes conceitualmente independentes das intenções: a) a atitude em relação ao comportamento (grau em que a pessoa tem uma avaliação favorável à avaliação desfavorável do comportamento em questão); b) norma subjetiva (pressão social percebida para realizar ou não o comportamento); c) grau de controlo comportamental percebido (facilidade/dificuldade percebida de realizar o comportamento). Com isto, quanto mais favorável a atitude e a norma subjetiva em relação a um comportamento, e quanto maior for o controlo de comportamento percebido, mais forte deve ser a intenção do indivíduo em realizar o comportamento (Ajzen & Fishbein, 2005). Neste ponto de vista acredita-se que este termo seja de extrema importância para a realização do presente estudo.

É conhecido que existem diversas teorias/modelos que procuram explicar a atitude. No entanto grande parte delas referem a atitude como sendo constituída por três elementos/componentes: cognição (crenças), afetividade (sentimento) e comportamento

(ação). Um dos modelos mais citados é o modelo ABC (Affect, Behavior and Cognition) de Eagly & Chaiken (1998). Dentro do mesmo pensamento, existe, ainda, o modelo CAC (Cognitive-Affective-Conative) de Schiffman & Kanuk (2004), ambos os modelos suportam a ideia de que a atitude é constituída por três componentes ou elementos que dizem respeito à cognição, afetividade e comportamento. Partindo deste pressuposto, a componente afetiva corresponde à resposta emocional (gostar ou não gostar) do indivíduo em relação a um objeto da atitude, esta é uma componente bastante importante, uma vez que a atitude do indivíduo em relação a um objeto não pode ser apenas determinada pelas suas crenças, pois a emoção ocorre em simultâneo com o processo cognitivo. No que toca à componente comportamental, esta corresponde à tendência comportamental, verbal ou não verbal, do indivíduo, consistindo em ações ou respostas observáveis correspondentes ao resultado de um objeto de atitude. A componente envolve a resposta do indivíduo (favorável ou desfavorável) em fazer algo em relação ao objeto da atitude. Estas respostas são mais ou menos consistentes, o que significa que uma série de respostas são mais ou menos previsíveis (Jain, 2014). Por fim, a componente cognitiva diz respeito a uma avaliação de entidade que constitui a opinião do indivíduo (crença ou descrença) sobre o objeto. Refere-se, desta forma, aos pensamentos e crenças que o indivíduo tem sobre um objeto de atitude. O componente cognitivo é considerado uma secção de armazenamento onde o indivíduo organiza toda a informação (Jain, 2014).

Cook (1995) realizou um estudo sobre atitudes face à agressão sexual onde verificou que, ainda que de uma forma global os participantes tenham afirmado não concordar com os comportamentos sexualmente coercivos, em situações onde a mulher inicialmente concorda com o ato sexual, mas depois acaba por rejeitar, onde “provoca” sexualmente o companheiro e onde já teve relações anteriores com ele, a agressão sexual era desculpabilizada pelos participantes. Outros estudos apontam que existe uma constante manifestação de estereótipos que desculpabilizam da coerção sexual. Ainda que os homens sejam considerados como os mais legitimadores deste tipo de atitudes (principalmente a nível da culpabilização da vítima), as mulheres não estão livres da socialização sexista. Assim mostram alguns estudos que, ainda que baixa, uma percentagem de mulheres aceita algumas atitudes legitimadoras da violação e de responsabilização da vítima (Caridade & Machado, 2008).

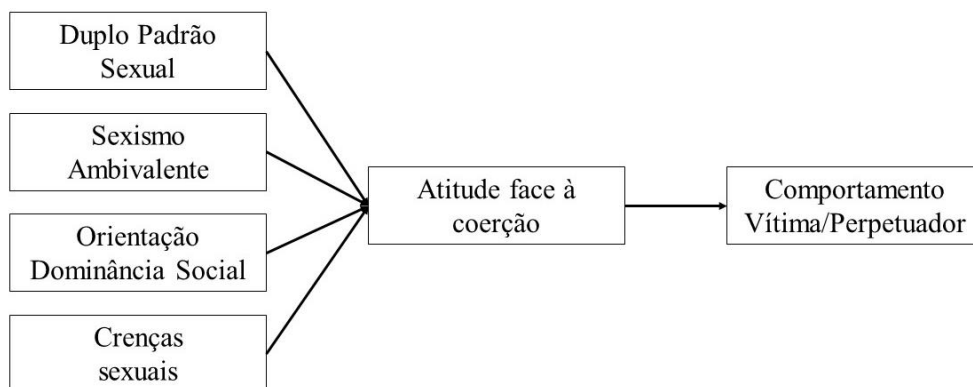
### 3. PROBLEMA/ OBJETIVOS

A coerção sexual parece ser um comportamento comum entre parceiros, que poderá potencializar situações de risco de violência entre parceiros íntimos, com repercussões ao nível da saúde física e mental das vítimas (Russell & Oswald, 2001). Contudo, o fenómeno é pouco estudado, em parte pelas crenças associadas à construção da sexualidade entre parceiros íntimos. O comportamento sexual tem como base inicial um conjunto de ações que pretendem predispor o outro à relação sexual, que mediante a recusa passiva ou ativa do parceiro, deveria permitir parar ou fazer avançar a situação (Eaton & Stephens, 2019; Lamarche & Seery, 2019; Fernández-Fuertes, et al., 2018). A interpretação dessas pistas poderá depender de uma atitude face à coerção sexual, destacando-se a utilidade da dinâmica cognitiva, afetiva e comportamental da atitude para explicar o comportamento. Não obstante, essa atitude poderá ser alimentada por um conjunto de crenças e padrões sociais, que restringem a interpretação social e individual da situação particular, nomeadamente os que marcam uma diferenciação percetiva entre géneros (Russell & Oswald, 2001). A coerção sexual continua a mostrar uma assimetria entre homens e mulheres, com os homens a serem tradicionalmente mais perpetradores do que vítimas (Moraes et al., 2006; Cordeiro et al., 2009). Assim, procurámos seleccionar variáveis socio-cognitivas, sensíveis a essa assimetria, que pudessem contribuir para a compreensão deste fenómeno, tais como o sexismo ambivalente, o duplo padrão sexual, a orientação de dominância social e as crenças sexuais perante comportamentos de violação. O sexismo ambivalente pretende descrever a aceitação da mulher como inferior ao homem, quer através de um preconceito antagonista ou de uma forma mais subtil e benevolente, baseada na intimidade heterossexual, complementaridade dos géneros e protecionismo paternalista (Glick & Fiske, 1996). Dado que a coerção ainda é um fenómeno marcado pela diferenciação de género, com uma prevalência de homens a coagirem mulheres, do que inverso, a atitude face à coerção poderá ser influenciada pela visão da mulher como devendo ser submissa ao homem. O duplo padrão sexual determina a perceção de que homens e mulheres têm direitos sexuais diferenciados, sendo que o homem tem mais liberdade sexual e a mulher deverá ser menos ativa e mais submissa nesse domínio (Ramos et al., 2005). A orientação de dominância social preocupa-se em caracterizar a orientação de aceitar a igualdade entre grupos ou, pelo contrário, aceitar o natural domínio de um sobre o outro (Wachelke & Matos, 2019). Finalmente, as crenças sexuais face à violência pretendem caracterizar a aceitação de situações interpretadas

assimetricamente pelo perpetrador e pela vítima, com enfoque na dominância do homem sobre a mulher, como são exemplo a crença em estratégias de recusa como reforço ao desejo sexual, os avanços de uma mulher justificarem o uso de força, o não significar – de facto – parar, os homens terem o dever de dominar e as mulheres gostarem do uso de força (Caridade & Machado, 2008).

Em síntese, este estudo tem como principais objetivos: a) descrever o comportamento de coerção sexual entre parceiros; b) estudar a relação explicativa do sexismo ambivalente, duplo padrão sexual, orientação de dominância social e crenças sexuais com a atitude face à coerção sexual e; c) estudar relação explicativa entre a atitude face à coerção sexual e o comportamento de coerção sexual, tanto na situação de vítima como de perpetrador.

Desta forma, a seguinte figura 2.1 pretende exemplificar as relações teóricas entre as variáveis em estudo.



**FIGURA 3.1. MODELO DE ANÁLISE**

Como hipóteses espera-se que:

1. Os homens deverão apresentar médias de resposta superiores às mulheres em todas as variáveis em estudo.
2. Os homens deverão apresentar uma média mais elevada de perpetuação do que as mulheres.
3. A atitude face à coerção sexual seja explicada pelo conjunto do duplo padrão sexual, sexismo ambivalente, orientação de dominância social e crenças sexuais.

4. Quanto mais favorável a atitude face à coerção sexual, maior a probabilidade de ter sido vítima de coerção sexual.
5. Quanto mais favorável a atitude face à coerção sexual, maior a probabilidade de ter tido comportamentos de perpetuação.

## **4. METODOLOGIA**

### **4.1. TIPO DE ESTUDO**

No presente estudo foi utilizada uma abordagem metodológica quantitativa em todas as fases de investigação. Esta apresenta um cariz exploratório e correlacional. Desta forma, o estudo procurou identificar crenças de cada indivíduo (de nacionalidade portuguesa, com idade compreendida entre os 18 e os 45 anos, que estejam ou que tenham estado numa relação amorosa) bem como identificar se estes já teriam passado por algum tipo de coerção sexual ao longo das suas vidas. Após obter toda esta informação, foram realizadas correlações para se identificar quais os scripts e crenças sexuais que apresentam um maior contributo para a perpetuação/ vitimização, bem como identificar a relação entre a vitimização e perpetuação.

### **4.2. AMOSTRA**

A amostra do presente estudo é constituída por um total de 95 adultos, com idades compreendidas entre os 18 anos e os 45 anos, de ambos os sexos, pertencentes à população portuguesa que estejam ou já tenham estado, pelo menos, numa relação amorosa.

A amostra foi recolhida da população geral, de forma não estratificada e não probabilística, por conveniência da natureza do estudo. Constituíram como critérios de exclusão fatores que se regem ao facto de o entrevistado “nunca ter estado numa relação” e “não ser português/ criado na cultura portuguesa”. A caracterização da amostra será apresentada na secção dos resultados.

### **4.3. INSTRUMENTOS**

#### **4.3.1. QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO**

O questionário de dados sociodemográficos teve como principal objetivo a recolha da seguinte informação sobre o género, a idade, a escolaridade, a situação profissional, o estado civil, a região de origem e a orientação sexual.

#### **4.3.2. QUESTIONÁRIO SOBRE HISTÓRIA DE RELACIONAMENTOS AMOROSOS E COERÇÃO SEXUAL**

Implicou questões sobre a história da relação amorosa, que constitui critério de inclusão, bem como a sua visão relativamente à última relação e a sua experiência amorosa nos últimos 3 meses. Foi também avaliado se os indivíduos reconheciam já ter coagido o parceiro sexualmente ou se já tinham sido coagidos.

Relativamente ao comportamento específico de coerção sexual, a medida utilizada foi adaptada de Enosh (2007). Deste modo, foram utilizadas algumas perguntas de vitimização e perpetuação relativas à experiência dos participantes, nas suas relações íntimas, nos últimos 3 meses. Os itens foram baseados na estrutura interacional, e manipularam sistematicamente três dimensões: iniciador (self/parceiro); níveis de ato sexual (curte/relação sexual); e níveis de resistência (passivo/ativo). Disso resultou um conjunto 8 itens no total, onde 4 itens são relativos à vitimização e outros 4 relativos à perpetuação. Dentro deste agrupamento, em cada conjunto de itens relativos à vitimização/ perpetuação os níveis de resistência (2 itens) e os níveis de ato sexual (2 itens), e.g.: "quantos vezes ao longo dos últimos 3 meses, durante um encontro, [você/seu parceiro] iniciou uma [curte/relação sexual) e [seu parceiro/você] foi/foram [passivos/resistidos], e então [você/seu parceiro] persistiu com a tentativa". Os itens desta escala são avaliados numa escala tipo Likert de 4 valores, onde 0 corresponde a "nunca aconteceu" e 4 corresponde a "aconteceu sempre".

#### **4.3.3. INVENTÁRIO DE SEXISMO AMBIVALENTE (ASI)**

O Inventário de Sexismo Ambivalente (ASI) foi construído por Glick e Fiske (1996) e adaptado para a população portuguesa por Gonçalves et al. (2015). Tem como objetivo medir os constructos de sexismo ambivalente hostil e benevolente que se baseiam em papéis de género tradicionalistas e justificam a estrutura social patriarcal (Costa, Leal, Oliveira, & Pereira, 2015). Desta forma, as atitudes negativas em relação à mulher, em relação ao poder (paternalismo protetor e dominante), heterossexualidade íntima (intimidade heterossexual e hostilidade sexual) e a diferenciação de género (complementaridade e competitividade), foram avaliadas por este inventário permitindo assim, identificar o tipo de sexismo ambivalente, hostil ou benevolente (Glick & Fiske, 1996).

O Inventário de Sexismo Ambivalente é composta por 22 itens que medem as atitudes sexistas em relação à mulher e que se encontram divididos em duas dimensões. Desses, 11 itens referem-se a uma forma de sexismo hostil (e.g.: “As mulheres procuram obter poder através de controlo sobre os homens”) e os restantes 11 itens a uma forma de sexismo benevolente (e.g.: “As mulheres deviam ser estimadas e protegidas pelos homens”). A dimensão do sexismo benevolente, por sua vez, divide-se em três subfatores: paternalismo protetor, diferenciação de género complementar, intimidade heterossexual (Costa, Leal, Oliveira, & Pereira, 2015; Glick & Fiske, 1996). Esta escala é aplicada individualmente, sem tempo limite. Os itens são cotados utilizando uma escala tipo likert de 5 pontos em que o 1 corresponde a “discordo totalmente” e o 5 a “concordo totalmente”. A versão portuguesa desta escala não apresenta itens negativos de modo a facilitar a compreensão da mesma pelos participantes. Esta escala pode ser usada como uma medida geral do sexismo calculando apenas a média da pontuação de todos os itens. Mas, também podem ser calculadas as duas subescalas (sexismo benevolente e sexismo hostil) separadamente, sendo que quanto maiores forem as médias, maiores são os níveis de sexismo. Para pesquisas correlacionais, as medidas mais puras de sexismo benevolente e de sexismo hostil podem ser obtidas com correlações parciais.

#### **4.3.4. SEXUAL BELIEFS SCALE**

De seguida, foi aplicada uma tradução da *Sexual Beliefs Scale* (versão original de Muehlenhard & Felts, 1998) para caracterizar as crenças sexuais dos participantes relativas a violações. Este instrumento ainda não foi adaptado à população portuguesa, sendo que foi apenas traduzido para integrar o estudo, carecendo ainda de estudos adicionais para a sua validação. A versão completa desta escala contém 40 itens, constituída por 5 subescalas: (1) que as mulheres geralmente oferecem uma certa resistência em se envolver sexualmente quando estão realmente dispostas a tal (subescala de *Token Refusal*); (2) que se a mulher se comportar como se estivesse disposta a ter relações sexuais, quando na verdade não está, então o homem está desculpado/justificado por a forçar a tal (subescala de *Leading On Justifies Force*); (3) que as mulheres gostam de força em situações sexuais (subescala de *Women Like Force*); (4) que os homens devem dominar as mulheres em situações sexuais (subescala de *Men Should Dominate*); (5) que as mulheres têm o direito de recusar ter relações sexuais em qualquer altura, e nesse momento os homens devem parar com os avanços sexuais (subescala de *No*

*Means No*). Cada subescala é constituída por 8 itens, e.g.: “homens devem dominar as mulheres na cama”, cada item é avaliado numa escala tipo *Likert* de 4 pontos onde o 0 corresponde a “discordo totalmente” e o 4 a “concordo totalmente”. Os itens de cada subescala são somados, podendo produzindo scores de 0 a 12 (na versão curta) ou de 0 a 24 (na versão longa), desta forma, quanto maiores forem os scores maior é a crença.

#### **4.3.5. ESCALA DE DUPLO PADRÃO SEXUAL**

Foi ainda utilizada a tradução da versão original da Escala do Duplo-Padrão Sexual de Muehlenhard & Quackenbush (1998). O objetivo da escala é avaliar o grau de adesão ao duplo-padrão sexual, segundo o qual, as mulheres são discriminadas negativamente relativamente ao envolvimento sexual pré-matrimonial, à idade e ao contexto relacional considerados apropriados para esse envolvimento e ao número de parceiros sexuais permitido. A escala é composta por 26 itens (e.g.: “É pior para uma mulher dormir com qualquer um, do que é para um homem.”) avaliados numa escala tipo *Likert* de quatro pontos onde 1 corresponde a “discordo totalmente” e 4 a “concordo totalmente”. Seis desses itens incluem uma comparação entre homens e mulheres quanto aos seus comportamentos sexuais e vinte itens agrupados em pares de dez itens onde dez itens são dirigidos aos comportamentos dos homens e os restantes dez relativo aos mesmos comportamentos, mas reportados às mulheres.

No que diz respeito à pontuação, nos itens individuais esta será invertida para os que têm chave negativa. Para os pares de itens críticos de indivíduos sexualmente ativos, subtrai-se os itens focados em homens dos itens focados nas mulheres; para o par de itens que aprova indivíduos sexualmente ativos, subtrai-se os itens focados nas mulheres aos itens focados nos homens. De seguida, adiciona-se as 6 pontuações individuais com as 10 pontuações de diferença. As pontuações finais podem variar entre 48 pontos (refletindo uma aceitação de maior liberdade sexual para os homens do que para as mulheres – tradicional *double standard*), 0 (refletindo um padrão idêntico para os homens e para as mulheres, restritivo ou permissivo) e -30 (refletindo uma aceitação de maior liberdade /sexual para as mulheres do que para os homens).

#### **4.3.6. ESCALA DE ORIENTAÇÃO DA DOMINÂNCIA SOCIAL**

Foi ainda utilizada a versão adaptada da Escala de Orientação da Dominância Social (versão original de Pratto et al., 1994) à população portuguesa (versão adaptada por Giger et al., 2015). A escala é composta por 16 itens (e.g.: Alguns grupos de pessoas, simplesmente, são inferiores a outros grupos) para medir a orientação para a dominância social, sendo que oito itens são referentes à igualdade e oito referentes à dominância. Os itens desta escala são avaliados numa escala tipo *Likert* de sete valores, onde 1 corresponde a “Extremadamente negativo” e 7 a “Extremadamente positivo”. Para calcular os scores é necessário inverter os itens 2, 5, 7, 8, 9, 10, 13 e 15. Após a inversão a pontuação total é obtida pela soma das respostas em cada item. Quanto maior a pontuação registada, mais elevado o nível orientação à dominância social (Giger et al., 2015).

#### **4.3.7. ESCALA DA ATITUDE FACE À COERÇÃO SEXUAL**

Inicialmente foi feita uma procura por uma medida de atitude explícita referente à coerção sexual. Não tendo sido encontrada nenhuma escala, procurou-se construir uma medida que permitisse avaliar esta dimensão. Deste modo, foram geradas afirmações que pretendiam descrever as três componentes da atitude, baseando-se em modelos explicativos da atitude que expressam que esta é constituída por três componentes: a cognitiva, a afetiva e a comportamental. Posto isto, esta escala é constituída por três dimensões, cada uma avalia uma componente da atitude.

De modo a clarificar aspetos relacionados com a formulação das questões e averiguar a validade facial do instrumento, foi realizado um pré-teste com 20 participantes. Após a análise das respostas do mesmo, foi possível apurar a validade e fiabilidade da mesma, de modo a incorporá-la no questionário do presente estudo. Como já referido a escala foi constituída por itens que expressam crenças (16 itens), sentimentos (17 itens) e ações (16 itens) que um indivíduo poderá ter face à coerção sexual.

#### **4.4. PROCEDIMENTO DE RECOLHA DE DADOS**

A fim de conseguir recolher os dados necessários para a realização do estudo, elaborou-se um questionário online disponibilizado na *EU Survey*, constituído por: (1)

um pedido de consentimento informado (ver anexo I); (2) um questionário de caracterização sociodemográfica (ver anexo II); (3) um questionário sobre a história de relacionamentos amorosos de cada participante (ver anexo III); (4) um pequeno questionário sobre as experiências do indivíduo nos últimos 3 meses (ver anexo IV); por fim, (5) sete questionários que avaliam a atitude do participante face à coerção sexual, sexismo ambivalente, a orientação da dominância sexual, duplo padrão sexual e as crenças sexuais (ver anexo V). A resposta ao questionário final não excedeu a duração de 30 minutos.

#### **4.5. PROCEDIMENTO DE ANÁLISE ESTATÍSTICA**

Para análise dos dados estatísticos obtidos, foi utilizado o programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS, versão 25). Considerando os objetivos definidos, para a análise dos resultados da investigação, recorreu-se a operações de estatística descritiva das variáveis: sexo, idade, anos de escolaridade, situação profissional, relação1, estabilidade1, duração da relação, exclusividade1, relação\_anterior1, orientação sexual, estadocivill e regioa1, de modo a se caracterizar a amostra deste estudo.

De seguida, realizaram-se operações de análise fatorial para se verificar a estabilidade dos três questionários relativos às três dimensões da atitude face à coerção sexual (dimensão comportamental, afetiva e cognitiva), bem como quais os itens que melhor explicavam cada dimensão.

Posteriormente foram realizadas correlações para garantir a existência de relações entre variáveis e regressões lineares múltiplas para averiguar qual ou quais as variáveis que melhor explicam a vitimização e a perpetuação, utilizando o *stepwise*. Foi ainda utilizado o *Independent sample t test* para comparação de grupos independentes (sexo).

## **5. RESULTADOS**

### **5.1. CARACTERÍSTICAS DOS PARTICIPANTES**

Participaram no estudo 95 adultos portugueses, com idades compreendidas entre os 18 anos e os 45 anos, com uma média de idades de 26.76 anos (DP= 6.47). Quarenta e cinco dos participantes são mulheres e 47 homens; 3 (3.2%) participantes preferiu não responder a essa questão.

A maioria dos participantes é solteiro (69.5%) e heterossexual (87.4%). Em média apresentam uma escolaridade de 14.47 anos (DP= 3.53; Min=9; Max=27), o que corresponde à frequência do ensino superior.

No que diz respeito à situação profissional dos participantes, a maioria estão no ativo (45.3%), seguido da ocupação “estudantes” (26.3%). A maioria dos indivíduos pertence à região do Algarve (42.1%), seguindo-se a Beira Litoral com 22.1%.

Relativamente à história de relacionamentos íntimos, atualmente 55.8% encontra-se numa relação; 29.5% são efetivamente casados ou vivem em união de facto. Dos indivíduos numa relação, 77.9% consideram que a mesma é estável. Apenas 12.6% dos participantes nunca estiveram numa relação estável. Dos que estiveram, 84.2% classificam a sua relação atual (ou a última) como sendo exclusiva. Em média os participantes estão numa relação há 44 meses (DP=54.49).

### **5.2. CARACTERIZAÇÃO DA PERCEÇÃO DE COERÇÃO SEXUAL**

No que diz respeito à percepção de coação sexual por parte do parceiro, atual ou referente à última relação íntima, os participantes foram questionados sobre se já se tinham sentido coagidos pelo parceiro, se alguma vez tinha sido forçado a fazer algo que não gostava, se alguma vez tinha cedido aos avanços do parceiro, apesar de inicialmente se ter recusado a ter relações sexuais e se alguma vez tinha sido alvo de chantagem ou ameaças. 77.9% respondeu que não tinha sido alvo de coação, 76.8% respondeu que nunca se sentiram forçados pelo seu parceiro a fazer alguma coisa que não desejavam, porém 54.7% referiu que já ter cedido aos avanços do seu parceiro, apesar de inicialmente não ser da vontade deles fazê-lo. 90.5% diz nunca ter sentido ameaças ou chantagens por parte do seu parceiro. Quanto à possibilidade de terem utilizado estratégias de coerção sexual 93.7% diz nunca ter forçado o seu parceiro a fazer alguma coisa que não desejava.

À questão “Alguma vez coagiu sexualmente o seu parceiro” 89.5% respondeu que não e, à pergunta “Alguma vez ameaçou ou chantageou o seu parceiro, com vista a conseguir algo dele/a” 9.7% respondeu que não.

### 5.3. CARACTERIZAÇÃO DO COMPORTAMENTO DE COERÇÃO SEXUAL PERANTE O COMPORTAMENTO DE RESISTÊNCIA E PASSIVIDADE

O comportamento de coerção sexual foi medido através de um conjunto de questões que procuravam avaliar se os participantes apresentam uma postura perpetuação ou vitimização mediante uma postura passiva ou de resistência. Dessa forma, foram apurados vários comportamentos: perpetuação, com postura passiva e postura de resistência do parceiro; e vitimização, perante postura passiva ou de resistência perante os avanços do parceiro. Cada uma das situações foi clarificada num momento com menor carga sexual (curtir) e com maior carga sexual (ter relações sexuais). A escala de medida varia entre 0 (nada comum) a 4 (muito comum).

TABELA 5.1. TABELA DESCRITIVA DO COMPORTAMENTO COERCIVO (PASSIVIDADE E RESISTÊNCIA)

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min</i>	<i>Max</i>
<b>Perpetuação/passivo/curtir</b>	0.54	0.91	0	3
<b>Vitimização/passivo/curtir</b>	0.76	0.99	0	3
<b>Perpetuação/resistência/curtir</b>	0.39	0.83	0	3
<b>Vitimização/resistência/curtir</b>	0.52	0.93	0	4
<b>Perpetuação/passivo/relações sexuais</b>	0.51	0.90	0	3
<b>Vitimização/passivo/relações sexuais</b>	0.70	1.02	0	4
<b>Perpetuação/resistência/relações sexuais</b>	0.39	0.88	0	4
<b>Vitimização/resistência/relações sexuais</b>	0.50	0.96	0	4

Analisando a tabela descritiva do comportamento da coerção perante a resistência e a passividade do parceiro, podemos verificar que nas curtes a média é maior quando a vítima é passiva (0.76) do que quando é resistente (0.54). Desta forma, podemos verificar

que o comportamento coercivo nas curtes está mais presente quando a vítima é resistente, por outro lado, este comportamento mostra estar mais presente quando o perpetrador é passivo (0.54).

No que toca ao comportamento coercivo nas relações sexuais, este aparenta estar mais presente quando a vítima é passiva (0.70) e quando o perpetrador também é passivo (0.51).

Procuramos avaliar, através de uma análise fatorial exploratória e da análise de fiabilidade interna se existiam fatores que permitissem agrupar os comportamentos por perfil (perpetuação/vítima) ou comportamento (resistência/passividade). Contudo, a análise fatorial exploratória, por componentes principais, apesar de mostrar indicadores à extração de fatores (KMO=.82, Teste de esfericidade de *Bartlett*  $\chi^2=715.30$ ,  $p<.000$ ), o resultado mostra um fator apenas que explica 72.02% da variância das respostas da medida. O alfa de *Cronbach* de .94 suporta esse fator único.

A tabela seguinte expressa as correlações de *Pearson* entre os itens.

TABELA 5.2. CORRELAÇÕES DE *PEARSON* ENTRE ITENS DA MEDIDA DE COERÇÃO SEXUAL

Variável	1	2	3	4	5	6	7	8
1. PPC	—							
2. VPC	0.62 ***	—						
3. PRC	0.65 ***	0.60 ***	—					
4. VRC	0.55 ***	0.64 ***	0.81 ***	—				
5. PPRs	0.66 ***	0.66 ***	0.71 ***	0.66 ***	—			
6. VPRs	0.57 ***	0.74 ***	0.64 ***	0.63 ***	0.75 ***	—		
7. PRRs	0.68 ***	0.63 ***	0.87 ***	0.73 ***	0.73 ***	0.74 ***	—	
8. VRRs	0.54 ***	0.68 ***	0.65 ***	0.74 ***	0.57 ***	0.78 ***	0.80 ***	—

\*  $p < .05$ , \*\*  $p < .01$ , \*\*\*  $p < .001$

Como se pode observar, todos os itens estão correlacionados de forma positiva, com intensidade média-forte, indicador de que o comportamento de vitimização e perpetuação não aparenta ser inverso entre papéis (quem perpetua não é vítima), mas sim proporcional entre si (quem perpetua também é vítima).

A análise de fiabilidade das questões referentes à vitimização apresentou um coeficiente de 0.90; o coeficiente de fiabilidade da perpetuação foi de 0.91. O conjunto de todas as ocorrências apresenta uma fiabilidade de 0.94. A análise fatorial exploratória ( $\chi^2=725.50$ ,  $gl=28$ ,  $p<.001$ ) sugere a existência de uma dimensão única que explica 68% da variância da medida, sugerindo apenas a extração da perpetuação/resistência/relação sexual, por apresentar uma comunalidade inferior a 0.30.

Contudo, dado a diferença teórica entre vítima e perpetrador, considerámos ser mais indicado manter as duas dimensões diferenciadas. Foram criadas duas variáveis, derivadas dos somatórios às questões referentes à vitimização e perpetuação. Ambas variam entre 0 e 16 pontos, no máximo. 42% da amostra não apresenta experiências de coerção sexual.

Não se observam diferenças entre sexos, no comportamento de vitimização, com homens e mulheres a apresentarem médias de resposta semelhantes ( $t_{(90)}=1.01$ ,  $p=0.31$ ,  $d$  de *Cohen*=0.21;  $M_{\text{homens}}=2.64$ ,  $M_{\text{mulheres}}=2.64$ ). Existem diferenças entre médias de resposta de homens e mulheres na perpetuação. Os homens descrevem-se mais como perpetradores ( $M_{\text{homens}}=2.49$ ) do que as mulheres ( $M_{\text{mulheres}}=2.64$ ;  $t_{(90)}=2.701$ ,  $p=0.003$ ,  $d$  de *Cohen*=0.56).

#### **5.4. ANÁLISE FATORIAL EXPLORATÓRIA DA ATITUDE FACE À COERÇÃO SEXUAL**

A medida de atitude face à coerção sexual é constituída por três dimensões. Estas pretendem medir as crenças, a avaliação afetiva e a intenção comportamental referente à utilização de estratégias coercitivas com o objetivo último de ter relações sexuais com o parceiro íntimo. Pretende-se que a medida represente uma avaliação num contínuo negativo-positivo da coerção sexual.

Dado tratar-se de um instrumento novo, foi conduzida uma análise fatorial exploratória para verificar que os dados se ajustam à estrutura tripartida da atitude. A medida inicial apresentava 16 itens para a dimensão cognitiva, 17 para a dimensão afetiva e 16 para a dimensão comportamental.

O teste de esfericidade de Bartlett e o teste KMO mostram bons indicadores para a aplicação da análise fatorial exploratória (Bartlett:  $\chi^2=3989.65$ ,  $p<.001$ ; KMO=.83). O método de estimação escolhido foi a de componentes principais. Assumiu-se que os

fatores deveriam estar correlacionados entre si, pelo que se utilizou uma rotação ortogonal *varimax*. Foram considerados na análise todos os itens, dado que todos contribuíram satisfatoriamente para a mesma ( $MSA > .60$ ).

A análise extraiu 11 fatores que explicam 74.8% da variância da escala, contudo, o maior ganho de faz-se até ao terceiro fator, com uma percentagem de variância de 50.0%.

Desta forma, fizemos a retenção de três fatores, que se apresentam de seguida.

TABELA 5.3. COMPONENTES DA ATITUDE FACE À COERÇÃO SEXUAL

Item	Componente		
	1	2	3
C.A.: 1. Numa relação, sinto-me bem perante a obrigação de ter relações sexuais quando o outro quer.	0.40	0.59	
C.A.: 10. Numa relação sexual, eu sinto que sou injusto se não satisfizer as necessidades do outro			
C.A.: 11. Eu sinto que o contacto sexual é uma forma válida de mostrar carinho pelo outro.			
C.A.: 12. Culpabilizar o outro quando se recusa a ter relações sexuais é algo incorreto, numa relação			
C.A.: 13. Eu sinto-me bem em ceder aos avanços sexuais do meu parceiro.			
C.A.: 14. É positivo receber algo em troca, quando aceitamos ter relações sexuais com alguém.			
C.A.: 15. Mentir para ter relações sexuais é algo útil.	0.38		
C.A.: 16. Eu sinto que se consumir drogas ou álcool estou a favorecer os avanços sexuais do meu parceiro.	0.32		0.80
C.A.: 17. Eu sinto que esperar ou procurar o consentimento é um entrave à relação sexual.	0.56		0.50
C.A.: 2. Quando o meu parceiro me diz que não quer ter relações sexuais, eu sinto que é apenas uma forma de apimentar a situação sexual	0.67	0.33	0.35
C.A.: 3. Eu sinto-me bem quando o meu parceiro insiste comigo, quando eu me recuso a ter relações sexuais.	0.51	0.49	
C.A.: 4. Eu não gosto quando o meu parceiro usa um pouco de força na relação sexual.			
C.A.: 5. Eu sinto que é positivo forçar o parceiro para que ele fique propício (entre no clima ou no mood) a ter relações sexuais.	0.63	0.52	
C.A.: 6. Eu não gostaria de pressionar o outro a ter relações sexuais.			
C.A.: 7. Eu sinto que é difícil perceber quando o outro não quer ter contacto sexual.	0.80		
C.A.: 8. Eu sinto-me mal quando o meu parceiro não entende quando eu não quero ter contacto sexual.			
C.A.: 9. Eu sinto que é errado mentir para conseguir ter relações sexuais.			
C.C.: 1. Para mim, sempre que um de nós o deseja, temos relações sexuais.			
C.C.: 10. Uma das formas de eu demonstrar carinho é através do contacto sexual			
C.C.: 11. Eu não sinto culpa quando me recuso a ter relações sexuais		0.53	
C.C.: 12. Eu obrigo-me a ceder aos avanços sexuais do outro		0.73	
C.C.: 13. Eu espero receber algo em troca, quando aceito ter relações sexuais com alguém			

C.C.: 14. Mentir é uma estratégia que eu utilizo nas minhas relações para ter o que quero, como relações sexuais.	0.35		
C.C.: 15. Eu consumo drogas ou álcool quando quero estar mais disponível para ter relações sexuais.		0.77	
C.C.: 16. Eu tenho dificuldade em perceber o consentimento das relações sexuais, no outro.	0.76		
C.C.: 2. Quando eu digo que não aos avanços sexuais, estou a apimentar a situação sexual.	0.68		0.37
C.C.: 3. Eu insisto com o meu parceiro, quando ele se recusa ao contacto sexual.	0.40	0.66	
C.C.: 4. Eu não forço a relação sexual, para melhorar a satisfação do meu parceiro			
C.C.: 5. Eu forço o meu parceiro para que ele fique propício (entre no clima ou no mood) a ter relações sexuais.	0.65	0.49	
C.C.: 6. Eu pressiono o outro a ter relações sexuais, porque é algo desejável numa relação.	0.47	0.51	
C.C.: 7. Eu tenho dificuldade em perceber quando o outro não quer ter contacto sexual	0.69		
C.C.: 8. Mentir é uma das estratégias que eu uso para conseguir ter relações sexuais.		0.41	0.47
C.C.: 9. Numa relação sexual, eu satisfaço sempre as necessidades do outro, para não ser injustos.			
C: 1. Entre parceiros sexuais, deve sempre existir relações sexuais quando um dos elementos o deseja.	0.30	0.62	
C: 10. Numa relação, o contacto sexual é uma forma de demonstrar carinho.			
C: 11. O parceiro sexual deve sentir culpa quando se recusa a ter relações sexuais.	0.43	0.69	0.31
C: 12. É obrigação do parceiro ceder aos avanços sexuais do outro.	0.45	0.75	
C: 13. É esperado receber algo em troca, quando aceitamos ter relações sexuais com alguém.			
C: 14. Mentir é uma estratégia comum, usada nas relações para se ter o que se quer, como relações sexuais.			
C: 15. Usar drogas ou consumir álcool é um bom indicador de que estamos disponíveis para ter relações sexuais.	0.38		0.72
C: 16. O consentimento das relações sexuais é algo difícil de perceber no comportamento do outro.	0.62		
C: 2. “Dizer que não” aos avanços sexuais é apenas uma forma de apimentar a situação sexual.	0.62	0.37	
C: 3. Quando um dos elementos se recusa ao contacto sexual, o outro elemento deve insistir.		0.71	
C: 4. Usar um pouco de força na relação sexual, é algo que melhora a satisfação do parceiro.	0.64		
C: 5. É necessário forçar o parceiro para que ele fique propício (entre no clima ou no mood) a ter relações sexuais.			0.35
C: 6. Pressionar o outro a ter relações sexuais, é algo desejável numa relação.	0.48		0.41
C: 7. É difícil perceber quando o outro não quer ter contacto sexual.	0.77		
C: 8. Uma das estratégias válidas para conseguir ter relações sexuais é mentir.	0.41	0.32	
C: 9. Numa relação sexual, devemos sempre satisfazer as necessidades do outro, para não sermos injustos.			

Legenda: C.A. – componente afetiva; C.C. – componente comportamental; C – crenças.

#### **5.4.1. DIMENSÃO UM (AFETIVA)**

A primeira dimensão a ser extraída reúne 16 itens que explicam 36.8% da variância da medida e que correspondem maioritariamente a itens que representam a avaliação afetiva da coerção. Incluem-se nesta dimensão os itens 2, 3, 5, 8, 14, 15, 16, e 17 que pretendem exemplificar a avaliação negativa ou positiva de como os comportamentos coercivos são sentidos pelos participantes. Inclui ainda os itens 2, 4, 5, 7, 8, e 16 da dimensão cognitiva e os itens 7, 15 e 17 da comportamental. Esta dimensão apresenta uma análise de fiabilidade interna de 0.94.

As respostas a esta variável são assimétricas negativas, com uma mediana de 1.25. A média de respostas dos participantes de 1.63 (DP=0.08) mostram claramente uma avaliação negativa da coerção sexual, no que respeita à sua dimensão afetiva. O máximo de resposta observada foi de 3.81, ainda assim, num valor neutro em relação à escala de medida de 5 pontos, adotada para o efeito.

#### **5.4.2. DIMENSÃO DOIS (COMPORTAMENTAL)**

No que concerne à segunda dimensão extraída, explica 8.1% da variância da medida e reúne 9 itens, sendo 6 da vertente comportamental (itens 3, 5, 6, 11, 12 e 14), um dos itens afetivos (item 1) e dois dos cognitivos (itens 11 e 12). A fiabilidade interna desta dimensão foi de 0.90.

De forma similar à dimensão anterior, a distribuição de respostas é assimétrica negativa, com a mediana a situar-se em 1.33. A média de respostas foi de 1.62 (DP=0.07). O máximo observado é de 4.00, evidenciando que há uma avaliação negativa da dimensão comportamental da coerção sexual, em que os participantes parecem discordar da sua ação como sendo coerciva.

#### **5.4.3. DIMENSÃO TRÊS (COGNITIVA)**

A terceira dimensão a ser extraída inclui maioritariamente itens de teor cognitivo, referentes às crenças relativas à coerção (itens 5, 6, 11 e 15) e ainda o item 15 de teor comportamental e os itens 16 e 17 de teor afetivo. Estes 7 itens explicam 5.1% da variância da medida e apresentam uma fiabilidade interna de .91.

A média de repostas foi de 1.45 (DP=.072) e a mediana de 1.14, com um máximo de 3.71. As respostas de perfil assimétrico negativo evidenciam a tendência para desacreditar as crenças que suportam a coerção sexual.

### 5.5. CARACTERIZAÇÃO DAS VARIÁVEIS SOCIOCOGNITIVAS

Foram consideradas como variáveis explicativas do comportamento coercivo e da atitude face ao comportamento coercivo as seguintes variáveis sociocognitivas: sexismo ambivalente, o duplo padrão sexual, a dominância social e crenças sexuais, que se organizam em cinco dimensões (*token refusal, leading on, women like force, men should dominate, no means stop*).

Serão apresentados valores obtidos pela amostra geral.

TABELA 5.4. ESTATÍSTICA DESCRITIVA DAS VARIÁVEIS SOCIOCOGNITIVAS

	SB	SH	DPS	DS_D	DS_I	TR	LO	WLF	MSD	NMS
Média	2.96	2.73	7.26	3.94	4.11	5.35	2.61	6.72	3.18	21.47
Mediana	3.00	2.73	6.00	4.00	4.00	3.00	0.00	6.00	1.00	24.00
Desv.padrão	1.14	1.09	0.60	0.453	0.37	5.57	4.77	5.55	4.76	3.81
Teste <i>Shapiro-Wilk</i>	0.97	0.96	0.98	0.96	0.90	0.87	0.61	0.93	0.72	0.70
<i>p</i>	0.03	0.01	0.26	0.004	< .001	< .001	< .001	< .001	< .001	< .001
Min.	1.00	1.00	-5.00	2.50	3.25	0.00	0.00	0.00	0.00	6.00
Max.	5.36	5.18	26.00	5.13	5.50	24.00	18.00	23.00	19.00	24.00

Legenda: SB – Sexismo benevolente; SH – Sexismo hostil; DPS – Duplo padrão sexual; DS\_D – Dominância social, orientação de dominância; DS\_I – dominância social, orientação de independência; TR – *token refusal*; LO – *leading on*; WLF – *women like force*; MSD – *men should dominate*; NMS – *no means stop*.

Todas as variáveis violam a assunção de normalidade na sua distribuição, com a exceção da variável Duplo Padrão Sexual.

As medidas referentes ao sexismo ambivalente (sexismo benevolente e sexismo hostil) mostram scores abaixo do ponto neutro da escala de medida utilizada, ainda que exista alguma dispersão dos dados sugerem a existência de indivíduos com maior tendência para comportamentos sexistas. No geral, a amostra parece não apresentar crenças sexistas benevolente ou hostil elevadas, ainda que o sexismo benevolente aparente ser mais elevado.

Relativamente ao duplo padrão sexual, observa-se uma elevada amplitude de respostas, sendo que a média e mediana parecem indicativas de uma posição mais desfavorável à prevalência de um duplo padrão. Os participantes, em geral, parecem acreditar que homens e mulheres devem ter direito a vivenciar as mesmas experiências sexuais.

A dominância social, tanto na sua dimensão de dominância e de independência mostram tendência para aceitar as duas posições, com uma média de resposta mais elevada para a independência.

Por fim, relativamente às crenças sexuais, os participantes parecem deter crenças sexuais que sugerem a percepção de igualdade na vivência das experiências sexuais.

## **5.6. DIFERENÇAS ENTRE HOMENS E MULHERES**

As respostas fornecidas pelos homens e mulheres da amostra foram comparadas com recurso ao teste *t* de *student*. Os resultados do teste são interpretados de acordo com a homogeneidade de variâncias, medida através do teste de *Levene*.

Os resultados estão apresentados na tabela 5.5.

TABELA 5.5. DIFERENÇAS ENTRE SEXOS

		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Z</i>	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>	<i>95% IC</i>	
								Inf		Sup
SB	H	3.49	0.13	1.51	0.22	5.99	90.00	0.00	0.79	1.56
	M	2.32	0.15							
SH	H	3.15	0.13	1.45	0.23	4.60	90.00	0.00	0.52	1.32
	M	2.23	0.15							
DPS	H	8.36	0.96	8.72	0.00	2.10	82.83	0.04	0.13	4.82
	M	5.89	0.69							
DS_D	H	3.90	0.07	0.10	0.75	-0.49	90.00	0.63	-0.23	0.14
	M	3.95	0.06							
DS_I	H	4.11	0.06	0.14	0.71	-0.13	90.00	0.90	-0.17	0.15
	M	4.12	0.05							
TR	H	6.83	0.80	2.27	0.14	3.22	90.00	0.00	1.30	5.47
	M	3.44	0.68							
LO	H	4.11	0.84	26.76	0.00	3.42	64.10	0.00	1.31	4.99
	M	0.96	0.38							
WLF	H	8.98	0.72	0.09	0.76	4.69	90.00	0.00	2.77	6.83
	M	4.18	0.73							
MSD	H	4.81	0.78	15.43	0.00	3.81	74.43	0.00	1.64	5.23
	M	1.38	0.46							
NMS	H	20.74	0.69	8.12	0.01	-1.77	71.91	0.08	-2.96	0.18
	M	22.13	0.38							
A_DA	H	1.84	0.12	15.23	0.00	3.58	74.66	0.00	0.22	0.77
	M	1.35	0.07							
A_DCmp	H	1.87	0.12	24.06	0.00	3.39	72.57	0.00	0.20	0.77
	M	1.38	0.07							
A_DCg	H	1.64	0.12	25.42	0.00	3.08	67.26	0.00	0.15	0.69
	M	1.22	0.06							

Legenda: SB – Sexismo benevolente; SH – Sexismo hostil; DPS – Duplo padrão sexual; DS\_D – Dominância social, orientação de dominância; DS\_I – dominância social, orientação de independência; TR – *token refusal*; LO – *leading on justifies force*; WLF – *women like force*; MSD – *men should dominate*; NMS – *no means stop*; A\_DA – Componente afetiva da Atitude; A\_Dcmp – Componente comportamental da atitude; A\_DCg – Componente cognitiva da atitude.

As comparações das médias de resposta do grupo de homens e mulheres permitem verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas no sexismo benevolente, sexismo hostil, duplo padrão sexual, *token refusal*, *leadin on justifies force*, *women like force*, *men should dominante* e na atitude face à coerção sexual. Tendencialmente, todas as médias de resposta dos homens parecem fazer prevalecer uma postura mais sexista, com menor igualdade para a vivência da sexualidade para as

mulheres e com scores mais elevados de atitude à coerção, do que as mulheres. Não obstante, os valores são indicativos de uma média mais elevada, não necessariamente que defendam as crenças de forma afirmativa. As diferenças foram interpretadas de acordo com o teste de *Levene*, para a assunção da homogeneidade de variâncias.

### 5.7. CORRELAÇÕES ENTRE VARIÁVEIS EXPLICATIVAS

Estabeleceram-se as associações estatísticas entre variáveis com recurso à correlação de *Pearson*. O sexismo hostil e o benevolente correlacionam-se de forma linear, numa correlação próxima de 1, o que poderá evidenciar problemas de colinearidade entre variáveis.

O sexismo benevolente correlaciona-se de forma positiva, média a forte, com o duplo padrão sexual, *token-refusal*, *leading on justify force*, *women like force e men should dominate* e com as três componentes da variável dependente da atitude face à coerção sexual. Como esperado, dada a colinearidade entre variáveis, o sexismo hostil correlaciona-se de forma positiva, com intensidade média a forte com as mesmas variáveis. Os valores sugerem que quanto elevado é o score na medida do sexismo benevolente e hostil, mais acreditam que homens e mulheres têm direitos sexuais diferenciados, e as crenças sexuais suportam a ideia de que a recusa sexual é uma forma de gerar interesse sexual, que indícios de comportamento sexual justificam o uso da força, que as mulheres gostam de ser forçadas e que os homens devem dominar no campo sexual. Um score mais elevado no sexismo ambivalente parece também ser indicador de uma atitude mais favorável à coerção sexual.

O duplo padrão sexual apresenta também correlações positivas, de intensidade média a forte com as crenças sexuais e com a atitude face à coerção sexual. Acreditar mais na legitimidade de um duplo padrão sexual parece ser indicador de acreditar mais que a recusa sexual é uma forma de gerar interesse sexual, que indícios de comportamento sexual justificam o uso da força, que as mulheres gostam de ser forçadas e que os homens devem dominar no campo sexual. Sugere igualmente uma atitude mais favorável à coerção sexual.

A variável de dominância social, dimensão independente, parece estar negativamente correlacionada com a variável *Women Like Force*. Apesar de a intensidade ser fraca, a correlação é estatisticamente significativa, sugerindo uma relação inversa

entre variáveis. Quanto maior a crença na não dominância dos grupos sociais, menor a crença de que as mulheres gostam de ser forçadas.

As crenças sexuais correlacionam-se positiva entre si, com a exceção da dimensão *No Means Stop*, que em linha com a interpretação do conceito que mede (não significa parar, em contexto sexual), apresenta valores mais baixos, quando a crença nas restantes dimensões apresenta scores mais elevados.

Todas as crenças sexuais correlacionam-se positivamente de forma moderada a forte com as dimensões da atitude face à coerção sexual, com a exceção da dimensão *No Means Stop*.

As correlações sugerem que, quem apresenta uma atitude mais favorável à coerção sexual, apresenta um score mais elevado na crença de que a recusa sexual é uma forma de gerar interesse sexual, que indícios de comportamento sexual justificam o uso da força, que as mulheres gostam de ser forçadas e que os homens devem dominar no campo sexual, e acreditar menos que a dizer que não significa parar (ou pelo contrário, que significa continuar a insistir).

TABELA 5.6. CORRELAÇÕES DE PEARSON ENTRE VARIÁVEIS DO ESTUDO

Variável	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
1. SB	—												
2. SH	0.91 ***	—											
3. DPS	0.55 ***	0.52 ***	—										
4. DS_D	-0.08	-0.19	-0.02	—									
5. DS_I	-0.16	-0.18	-0.07	0.08	—								
6. TR	0.61 ***	0.63 ***	0.46 ***	-0.09	-0.16	—							
7. LO	0.43 ***	0.45 ***	0.45 ***	-0.02	-0.16	0.78 ***	—						
8. WLF	0.61 ***	0.61 ***	0.48 ***	-0.11	-0.27 **	0.81 ***	0.74 ***	—					
9. MSD	0.45 ***	0.45 ***	0.43 ***	-0.10	-0.13	0.73 ***	0.84 ***	0.79 ***	—				
10. NMS	-0.1	-0.16	-0.14	0.05	0.08	-0.31 **	-0.45 ***	-0.27 **	-0.32 **	—			
11. Afetiva	0.51 ***	0.54 ***	0.48 ***	-0.10	-0.11	0.77 ***	0.75 ***	0.75 ***	0.72 ***	-0.38 ***	—		
12. Comportamental	0.39 ***	0.43 ***	0.41 ***	-0.10	0.02	0.54 ***	0.63 ***	0.55 ***	0.56 ***	-0.43 ***	0.81 ***	—	
13. Cognitiva	0.39 ***	0.41 ***	0.36 ***	0.067	-0.04	0.62 ***	0.71 ***	0.61 ***	0.67 ***	-0.34 ***	0.87 ***	0.77 ***	—

\* p < .05, \*\* p < .01, \*\*\* p < .001

Legenda: SB – Sexismo benevolente; SH – Sexismo hostil; DPS – Duplo padrão sexual; DS\_D – Dominância social, orientação de dominância; DS\_I – dominância social, orientação de independência; TR – *token refusal*; LO – *leading on justifies force*; WLF – *women like force*; MSD – *men should dominate*; NMS – *no means stop*; Afetiva – Componente afetiva da Atitude; Comportamental – Componente comportamental da atitude; Cognitiva – Componente cognitiva da atitude.

## 5.8. TESTE DO MODELO TEÓRICO

As relações teóricas previstas entre variáveis foram testadas com recurso a regressões lineares múltiplas, diferenciadas por sexos, dadas as diferenças entre covariantes e variáveis dependentes.

Foi adotado um modelo de regressão linear múltipla linear para testar a capacidade explicativa das variáveis do sexismo ambivalente, duplo padrão sexual, dominância social e crenças sexuais face à atitude face ao comportamento de coerção sexual. O método de entrada das variáveis no modelo escolhido foi o *backward*, para alcançar a solução mais aceitável. Este método parece ser indicado em situações em que as variáveis estejam correlacionadas entre si, como observado anteriormente (Mantel, 1970), tendo a vantagem de começar a análise com o modelo completo (*full model*) forçando a entrada inicial de todas as variáveis. O critério de seleção do modelo será o que permitir reter um maior número de variáveis com um incremento significativo de explicação da regressão.

Apresentam-se em seguida as regressões lineares para as mulheres. O primeiro modelo testa a capacidade explicativa das variáveis socio-cognitivas na atitude, dimensão cognitiva.

TABELA 5.7. MODELO SUMÁRIO - COGNITIVA

Modelo	R	R <sup>2</sup>	R <sup>2</sup> ajustado	RMSE	R <sup>2</sup> Mudança	F Mudança	gl1	gl2	p
1	0.82	0.67	0.58	0.27	0.67	6.95	10	34	<.001
2	0.82	0.67	0.59	0.26	-0.00	-1.42e <sup>-3</sup>	1	35	1.00
3	0.82	0.67	0.60	0.26	-0.00	-0.07	1	36	1.00
4	0.82	0.67	0.61	0.25	-0.00	-0.08	1	37	1.00
5	0.82	0.67	0.61	0.25	-0.01	-0.59	1	38	1.00
6	0.81	0.66	0.61	0.25	-0.01	-0.80	1	39	1.00
7	0.81	0.65	0.62	0.25	-0.01	-0.83	1	40	1.00

Os resultados mostram sete modelos que explicam a variação da resposta à dimensão cognitiva da atitude face à coerção sexual. O modelo que apresenta uma mudança significativa é o primeiro modelo, que incluiu todas as variáveis [ $R^2_{adj}=58\%$ ,  $F_{(1, 98)}=6.95$ ,  $p<.001$ ]. Será por isso o modelo apreciado representado na tabela de coeficientes de regressão, 5.7. A tabela completa poderá ser consultada em anexo.

TABELA 5.8. COEFICIENTES DE REGRESSÃO

Modelo		Não standard.	Erro padrão	$\beta$	$t$	$p$
1	(interceção)	0.55	0.90		0.61	0.55
	Sex. Benevolente	-0.04	0.13	-0.09	-0.30	0.77
	Sex. Hostil	-0.03	0.12	-0.07	-0.22	0.82
	<b>Duplo Padrão Sex.</b>	<b>0.02</b>	<b>0.01</b>	<b>0.26</b>	<b>2.01</b>	<b>0.05</b>
	Dominância (ODS)	-4.33e -3	0.12	-0.004	-0.04	0.97
	Igualdade (ODS)	0.04	0.13	0.03	0.28	0.78
	<i>Token refusal</i>	0.01	0.02	0.13	0.68	0.50
	<b><i>Leading On Just. Force</i></b>	<b>0.06</b>	<b>0.02</b>	<b>0.40</b>	<b>2.63</b>	<b>0.01</b>
	<b><i>Women Like Force</i></b>	<b>0.05</b>	<b>0.02</b>	<b>0.57</b>	<b>2.67</b>	<b>0.01</b>
	Men Should Dominate	-0.04	0.02	-0.33	-1.90	0.07

Os resultados obtidos no quarto bloco revelam que o modelo é significativo ( $p < .001$ ). O valor de regressão ajustado de 0.58 sugere que as variáveis que entraram no modelo explicam 58% da variação da dimensão cognitiva da atitude face à coerção sexual. Contudo são as sub-dimensões das crenças sexuais, *women like force* e *leading on justifies force*, com o duplo padrão sexual que apresentam os coeficientes de maior intensidade e com um contributo estatisticamente significativo. São os participantes que acreditam mais que as mulheres gostam de força, que avanços justificam o uso de força e que acreditam num duplo padrão que diferencia os direitos sexuais dos homens e das mulheres, são os que apresentam uma resposta mais favorável à coerção sexual, nos itens representativos da dimensão cognitiva.

Relativamente à dimensão afetiva da atitude face à coerção sexual observam-se os seguintes modelos.

TABELA 5.9. MODELOS SUMÁRIOS -AFETIVA

Modelo	$R$	$R^2$	$R^2$ Ajustado	RMSE	$R^2$ Mudança	$F$ Mudança	gl1	gl2	$p$
1	0.86	0.74	0.66	0.28	0.74	9.50	10	34	< .001
2	0.86	0.74	0.67	0.27	-0.00	-8.41e -3	1	35	1.00
3	0.86	0.74	0.68	0.27	-0.00	-0.11	1	36	1.00
4	0.86	0.73	0.68	0.27	-0.00	-0.11	1	37	1.00
5	0.86	0.73	0.69	0.26	-0.00	-0.33	1	38	1.00
6	0.85	0.72	0.69	0.27	-0.01	-1.19	1	39	1.00
7	0.85	0.72	0.69	0.27	-0.01	-1.09	1	40	1.00
8	0.84	0.70	0.68	0.27	-0.01	-1.93	1	41	1.00

Dos modelos que explicam parte da variação da resposta à dimensão afetiva da atitude face à coerção sexual, o modelo que apresenta um ganho significativo em relação ao modelo nulo é o primeiro, com a entrada de todas as variáveis. Os restantes modelos, com a saída das variáveis, mostram incrementos não significativos. Será, por isso, o modelo interpretado [ $R^2_{adj}=66\%$ ,  $F_{(1, 98)}=9.50$ ,  $p<.001$ ].

TABELA 5.10. COEFICIENTES DE REGRESSÃO

Modelo		Não standard.	Erro padrão	$\beta$	$t$	$p$
1	(interceção)	2.13	0.95		2.24	0.03
	Sex. Benevolente	-0.03	0.14	-0.05	-0.18	0.86
	Sex. Hostil	-0.01	0.13	-0.02	-0.09	0.93
	<b>Duplo Padrão Sex.</b>	<i>0.03</i>	<i>0.01</i>	<i>0.30</i>	<i>2.57</i>	<i>0.01</i>
	Dominância (ODS)	-0.22	0.12	-0.19	-1.77	0.09
	Igualdade (ODS)	-0.04	0.14	-0.03	-0.31	0.76
	<i>Token refusal</i>	0.03	0.02	0.29	1.70	0.10
	<i>Leading On Just. Force</i>	0.03	0.03	0.16	1.19	0.24
	<b>Women Like Force</b>	<i>0.04</i>	<i>0.02</i>	<i>0.41</i>	<i>2.11</i>	<i>0.04</i>
	Men Should Dominate	-0.02	0.02	-0.15	-0.98	0.33
	<i>No means stop</i>	-0.005	0.02	-0.03	-0.31	0.76

Os resultados obtidos mostram um modelo significativo ( $p<.001$ ). O valor de regressão ajustado sugere que as variáveis consideradas, nomeadamente da medida de crenças sexuais, *women like force* e o duplo padrão sexual, explicam 66% da variação da dimensão afetiva da atitude face à coerção sexual. Os coeficientes de regressão sugerem que a relação entre as variáveis é positiva, de intensidade média. Os indivíduos que mais acreditam que as mulheres gostam do uso de força e que acreditam mais que há direitos sexuais diferenciados para homens e mulheres, também tendência para apresentar uma dimensão afetiva mais favorável à coerção sexual.

Quanto à dimensão comportamental da atitude face à coerção sexual, observam-se dois modelos significativos que explicam parte da variação desta medida.

TABELA 5.11. MODELO SUMÁRIO - COMPORTAMENTAL

Modelo	R	R <sup>2</sup>	R <sup>2</sup> Ajustado	RMSE	R <sup>2</sup> Mudança	F Mudança	gl1	gl2	p
1	0.71	0.51	0.36	0.38	0.51	3.49	10	34	3.03e-3
2	0.71	0.51	0.38	0.37	-0.00	-0.02	1	35	1.00
3	0.71	0.51	0.40	0.37	-0.00	-0.04	1	36	1.00
4	0.71	0.50	0.41	0.36	-0.00	-0.04	1	37	1.00
5	0.70	0.49	0.41	0.36	-0.01	-0.88	1	38	1.00
6	0.69	0.47	0.41	0.36	-0.02	-1.44	1	39	1.00
7	0.67	0.45	0.39	0.37	-0.02	-1.74	1	40	1.00

O modelo total (1, com todas as variáveis consideradas) é o que apresenta um ganho significativo relativo ao modelo nulo. Será, por isso, o modelo interpretado [ $R^2_{adj}=36\%$ ,  $F_{(1, 98)}=12.96$ ,  $p<.001$ ].

TABELA 5.12 COEFICIENTES DE REGRESSÃO

Modelo		Não estandard.	Erro padrão	$\beta$	t	p
1	(interceção)	0.92	1.29		0.71	0.48
	Sex. Benevolente	-0.14	0.19	-0.29	-0.75	0.46
	Sex. Hostil	0.04	0.17	0.08	0.21	0.84
	Duplo Padrão Sex.	0.03	0.02	0.28	1.74	0.09
	Dominância (ODS)	-0.15	0.17	-0.14	-0.92	0.37
	Igualdade (ODS)	0.20	0.19	0.15	1.06	0.29
	<i>Token refusal</i>	0.004	0.02	0.04	0.18	0.86
	<b><i>Leading On Just. Force</i></b>	<b><i>0.07</i></b>	<b><i>0.03</i></b>	<b><i>0.40</i></b>	<b><i>2.12</i></b>	<b><i>0.04</i></b>
	<b><i>Women Like Force</i></b>	<b><i>0.06</i></b>	<b><i>0.03</i></b>	<b><i>0.66</i></b>	<b><i>2.51</i></b>	<b><i>0.02</i></b>
	<b><i>Men Should Dominate</i></b>	<b><i>-0.07</i></b>	<b><i>0.03</i></b>	<b><i>-0.47</i></b>	<b><i>-2.22</i></b>	<b><i>0.03</i></b>
	<i>No means stop</i>	0.003	0.02	0.02	0.14	0.89

Os resultados mostram que o modelo é significativo ( $p<.001$ ). O valor de regressão ajustado sugere que as variáveis consideradas no modelo explicam 36% da variação da dimensão comportamental da atitude face à coerção sexual. *Women like force*, *Leading on justifies force* e *men should dominate* apresentam coeficientes de regressão que contribuem mais significativamente para este resultado. Os indivíduos que mais acreditam que as mulheres gostam do uso de força, que os avanços justificam o uso de força e que menos acreditam que os homens devem dominar, são os que apresentam uma dimensão comportamental mais favorável à coerção sexual.

Relativamente à testagem da atitude como preditora do comportamento de coerção, foram conduzidas duas análises de regressão: uma para o comportamento de vitimização e outra para o comportamento de perpetuação. Apesar da atitude ser considerada uma variável com três dimensões, foi utilizado um método de entrada forçada para todas as dimensões, por se considerar que as três contribuem para uma variável latente comum.

TABELA 5.13. MODELO SUMÁRIO - VÍTIMA

Modelo	<i>R</i>	<i>R</i> <sup>2</sup>	<i>R</i> <sup>2</sup> Ajustado	RMSE	<i>R</i> <sup>2</sup> Mudança	<i>F</i> Mudança	gl1	gl2	<i>p</i>
H <sub>0</sub>	0.00	0.00	0.00	0.70	0.00		0	44	
H <sub>1</sub>	0.43	0.18	0.12	0.66	0.18	3.01	3	41	0.04

Os resultados mostram um modelo significativo em que a atitude face à coerção sexual explica 12% da variação da coerção sexual: vítima [ $R^2=12\%$ ,  $F_{(1,98)}=3.01$ ,  $p=.04$ ].

TABELA 5.14. COEFICIENTES DE REGRESSÃO

Modelo	Não estandardizado	Erro padrão	$\beta$	<i>t</i>	<i>p</i>	
H <sub>0</sub>	(Intercept)	0.49	0.10	4.67	< .001	
H <sub>1</sub>	(Intercept)	-0.19	0.34	-0.56	0.58	
	Afetiva	-0.05	0.35	-0.03	-0.13	0.90
	<i>Comportamental</i>	<i>0.81</i>	<i>0.31</i>	<i>0.54</i>	<i>2.62</i>	<i>0.01</i>
	Cognitiva	-0.31	0.41	-0.18	-0.75	0.46

Os coeficientes de regressão sugerem que este resultado se deve ao contributo da dimensão comportamental, que apresenta um coeficiente de intensidade médio-forte, sugerindo que quanto mais favorável for a atitude face à coerção na sua dimensão comportamental, maior será a resposta de vitimização do participante. As dimensões afetiva e cognitiva apresentam um contributo não significativo para a variação da resposta, no entanto é de notar que os coeficientes são negativos.

Em seguida, apresentam-se os resultados das regressões lineares, tendo como variável dependente a coerção sexual, enquanto perpetuador.

TABELA 5.15. MODELO SUMÁRIO - PERPETUADOR

Modelo	R	R <sup>2</sup>	R <sup>2</sup> Ajustado	RMSE	R <sup>2</sup> Mudança	F Mudança	gl1	gl2	p
H <sub>0</sub>	0.00	0.00	0.00	0.51	0.00		0	44	
H <sub>1</sub>	0.58	0.33	0.28	0.43	0.33	6.80	3	41	< .001

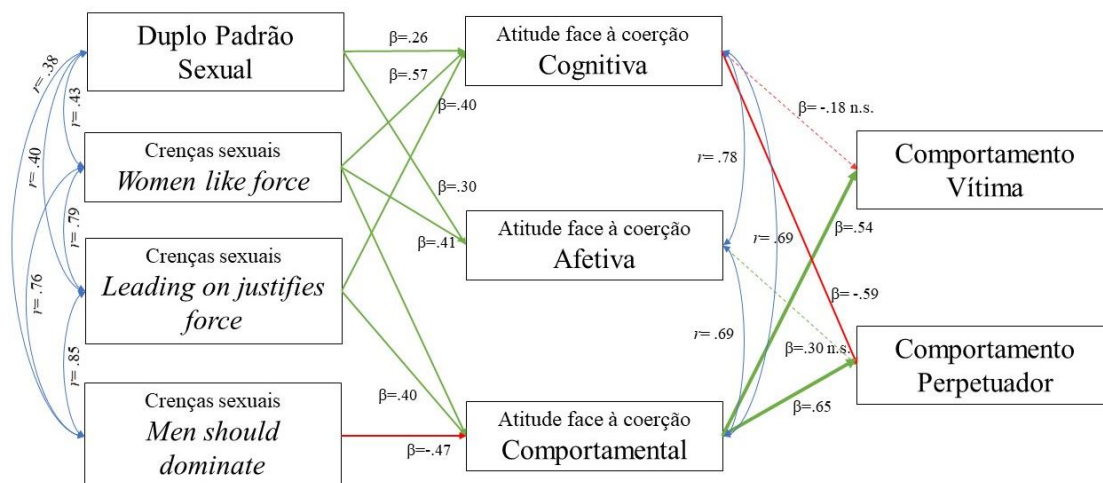
Os resultados mostram um modelo significativo em que a atitude face à coerção sexual explica 28% da variação da coerção sexual: perpetuação [ $R^2=28\%$ ,  $F_{(1, 98)}=6.80$ ,  $p<.001$ ].

TABELA 5.16. COEFICIENTES DE REGRESSÃO

Modelo	Não estandardizado	Erro padrão	$\beta$	t	p	
H <sub>0</sub>	(Interceção)	0.22	0.08	2.85	6.64e -3	
H <sub>1</sub>	(Interceção)	-0.29	0.22	-1.30	0.20	
	Afetiva	0.32	0.23	0.30	1.37	0.18
	<i>Comportamental</i>	<i>0.71</i>	<i>0.20</i>	<i>0.65</i>	<i>3.50</i>	<i>0.001</i>
	<i>Cognitiva</i>	<i>-0.74</i>	<i>0.27</i>	<i>-0.59</i>	<i>-2.75</i>	<i>0.008</i>

Os coeficientes de regressão sugerem que este resultado se deve ao contributo da dimensão comportamental e cognitiva da atitude. O coeficiente positivo de forte intensidade da dimensão comportamental sugere que quanto mais favorável for a resposta a esta dimensão, maior a tendência para apresentar um comportamento de perpetuação. Contudo, quanto menos favorável for a resposta à dimensão cognitiva da atitude, maior será o comportamento de perpetuação, a observar-se pelo coeficiente negativo, de forte intensidade, entre as variáveis. A dimensão afetiva parece ter um coeficiente positivo, contudo, o seu contributo para a explicação da variação da resposta não parece ser significativo.

Como forma de sumariar as relações estatisticamente significativas no modelo em análise, apresenta-se a figura 5.2.



**FIGURA 5.2 MODELO EXPLICATIVO DE COMPORTAMENTOS DE VITIMIZAÇÃO E PERPETUAÇÃO EM MULHERES**

O duplo padrão sexual e as crenças sexuais parecem ser as variáveis determinantes para explicar as dimensões da atitude face à coerção sexual; esta, por sua vez, apresenta capacidade explicativa do comportamento de vítima e de perpetuação, contudo com perfis diferentes. O comportamento de vítima parece ser explicado por uma atitude desfavorável nos domínios cognitivo e afetivo (ainda que não significativo) e por uma atitude favorável no domínio comportamental. A perpetuação parece ser explicada numa percentagem maior pela atitude. A atitude mais favorável no domínio comportamental conduz a mais comportamentos de perpetuação; contudo uma atitude menos favorável no domínio cognitivo (crenças) conduz a maior perpetuação.

Em seguida apresentam-se os resultados dos homens, relativamente ao primeiro modelo de regressão testado: as variáveis sociocognitivas a explicarem a dimensão cognitiva da atitude.

**TABELA 5.17. MODELO SUMÁRIO -COGNITIVA**

Modelo	R	R <sup>2</sup>	R <sup>2</sup> Ajustado	RMSE	R <sup>2</sup> Mudança	F Mudança	gl1	gl2	p
1	0.75	0.56	0.44	0.62	0.56	4.66	10	36	< .001
2	0.75	0.56	0.46	0.62	-0.00	-3.76e-3	1	37	1.00
3	0.75	0.56	0.47	0.61	-0.00	-0.20	1	38	1.00
4	0.75	0.56	0.48	0.60	-0.00	-0.33	1	39	1.00
5	0.74	0.55	0.48	0.60	-0.01	-0.78	1	40	1.00
6	0.74	0.55	0.49	0.60	-0.00	-0.30	1	41	1.00
7	0.73	0.54	0.49	0.60	-0.01	-0.79	1	42	1.00
8	0.72	0.52	0.49	0.60	-0.01	-1.31	1	43	1.00

Os resultados mostram nove modelos que explicam a variação da resposta à dimensão cognitiva da atitude face à coerção sexual. O modelo que apresenta uma mudança significativa é o primeiro modelo, que incluiu todas as variáveis [ $R^2_{adj}=44\%$ ,  $F(1, 98)=4.66$ ,  $p<.001$ ]. Será por isso o modelo apreciado representado na tabela de coeficientes de regressão, 5.18.

TABELA 5.18. COEFICIENTES DE REGRESSÃO

Modelo	Não estandard.	Erro padrão	$\beta$	$t$	$p$
1 (interceção)	-0.39	1.41		-0.28	0.78
Sex. Benevolente	-0.13	0.20	-0.14	-0.63	0.53
Sex. Hostil	0.15	0.20	0.16	0.75	0.46
Duplo Padrão Sex.	-0.009	0.02	-0.07	-0.49	0.63
Dominância (ODS)	0.21	0.22	0.12	0.96	0.35
Igualdade (ODS)	0.36	0.25	0.17	1.47	0.15
<i>Token refusal</i>	-0.002	0.04	-0.01	-0.06	0.95
<i>Leading On Just. Force</i>	0.04	0.04	0.30	1.05	0.30
<i>Women Like Force</i>	-0.01	0.03	-0.08	-0.39	0.70
<b><i>Men Should Dominate</i></b>	<i>0.07</i>	<i>0.04</i>	<i>0.46</i>	<i>2.05</i>	<i>0.05</i>
<i>No means stop</i>	-0.03	0.02	-0.17	-1.22	0.23

Os resultados obtidos revelam que o modelo é significativo ( $p<.001$ ). O valor de regressão ajustado de .44 que as variáveis consideradas explicam 44% da variação da dimensão cognitiva da atitude face à coerção sexual. Os coeficientes sugerem que o preditor com coeficiente de maior intensidade é *men should dominate*. São os participantes que acreditam mais os homens devem dominar no campo sexual são os que apresentam uma resposta mais favorável à coerção sexual, nos itens representativos da dimensão cognitiva.

Na dimensão afetiva da atitude face à coerção sexual verificamos a existência de nove modelos.

TABELA 5.19. MODELO SUMÁRIO - AFETIVA

Modelo	R	R <sup>2</sup>	R <sup>2</sup> Ajust.	RMSE	R <sup>2</sup> Mudança	F Mudança	gl1	gl2	p
1	0.82	0.67	0.58	0.53	0.67	7.25	10	36	< .001
2	0.82	0.67	0.59	0.52	-0.00	-0.02	1	37	1.00
3	0.82	0.67	0.60	0.52	-0.00	-0.02	1	38	1.00
4	0.81	0.66	0.60	0.51	-0.00	-0.49	1	39	1.00
5	0.81	0.65	0.60	0.51	-0.01	-1.00	1	40	1.00
6	0.80	0.65	0.60	0.51	-0.01	-0.96	1	41	1.00
7	0.80	0.64	0.60	0.51	-0.01	-0.86	1	42	1.00
8	0.80	0.64	0.61	0.51	-0.00	-0.15	1	43	1.00
9	0.79	0.62	0.60	0.51	-0.02	-2.08	1	44	1.00

O modelo que apresenta uma mudança significativa é o primeiro modelo, que incluiu todas as variáveis [ $R^2_{adj}=0.58$ ,  $F_{(10, 46)}=7.25$ ,  $p<.001$ ]. Será por isso o modelo apreciado representado na tabela de coeficientes de regressão, 5.20.

TABELA 5.20. COEFICIENTES DE REGRESSÃO

Modelo		Não standard.	Erro padrão	$\beta$	t	p
1	(interceção)	0.57	1.20		0.47	0.64
	Sex. Benevolente	-0.16	0.17	-0.18	-0.96	0.35
	Sex. Hostil	0.18	0.17	0.19	1.04	0.31
	Duplo Padrão Sex.	0.002	0.02	0.02	0.13	0.90
	Dominância (ODS)	0.02	0.18	0.01	0.13	0.90
	Igualdade (ODS)	0.23	0.21	0.12	1.12	0.27
	<i>Token refusal</i>	0.04	0.03	0.24	1.20	0.24
	<i>Leading On Just. Force</i>	0.02	0.04	0.16	0.64	0.53
	<i>Women Like Force</i>	0.02	0.03	0.15	0.83	0.41
	<i>Men Should Dominate</i>	0.03	0.03	0.23	1.16	0.25
	<i>No means stop</i>	-0.02	0.02	-0.14	-1.18	0.25

O modelo explica cerca de 58% da variação da dimensão afetiva da atitude, sem, contudo, apresentar variáveis com coeficientes significativos. De notar que todas as variáveis apresentam coeficientes positivos, de baixa intensidade, com exceção do sexismo benevolente e do *no means stop*, cujo coeficiente é negativo.

Relativamente à dimensão comportamental da atitude face à coerção sexual, o modelo que apresenta uma mudança significativa é o primeiro modelo, que incluiu todas

as variáveis [ $R^2_{adj}=53\%$ ,  $F_{(10, 98)}=4.07$ ,  $p<.001$ ]. Os restantes modelos não aumentam significativamente a capacidade explicativa do modelo, pela retirada de variáveis.

TABELA 5.21. MODELO SUMÁRIO - COMPORTAMENTAL

Modelo	R	R <sup>2</sup>	R <sup>2</sup> Ajustado	RMSE	R <sup>2</sup> Mudança	F Mudança	gl1	gl2	p
1	0.73	0.53	0.40	0.66	0.53	4.07	10	36	< .001
2	0.73	0.53	0.42	0.65	-0.00	-0.003	1	37	1.00
3	0.73	0.53	0.43	0.64	-0.00	-0.01	1	38	1.00
4	0.73	0.53	0.44	0.64	-0.00	-0.12	1	39	1.00
5	0.73	0.53	0.46	0.63	-0.00	-0.19	1	40	1.00
6	0.72	0.53	0.47	0.62	-0.00	-0.12	1	41	1.00
7	0.72	0.51	0.47	0.62	-0.01	-0.92	1	42	1.00

Em seguida, observam-se os coeficientes de regressão referentes ao modelo 1.

TABELA 5.22. COEFICIENTES DE REGRESSÃO

Modelo	Não standard.	Erro padrão	$\beta$	t	p
1	(interceção)	0.42	1.49	0.28	0.78
	Sex. Benevolente	-0.10	0.21	-0.11	-0.46 0.65
	Sex. Hostil	0.23	0.21	0.25	1.11 0.28
	Duplo Padrão Sex.	0.009	0.02	0.07	0.46 0.65
	Dominância (ODS)	-0.01	0.23	-0.006	-0.05 0.96
	Igualdade (ODS)	0.46	0.26	0.22	1.76 0.09
	<i>Token refusal</i>	0.004	0.04	0.02	0.10 0.92
	<i>Leading On Just. Force</i>	0.03	0.04	0.21	0.71 0.48
	<i>Women Like Force</i>	-0.01	0.04	-0.08	-0.36 0.72
	<i>Men Should Dominate</i>	0.04	0.04	0.27	1.15 0.26
	<i>No means stop</i>	-0.05	0.03	-0.29	-2.05 0.05

O modelo explica cerca de 53% da variação da dimensão afetiva da comportamental. Parece ser a variável *no means stop*, cujo coeficiente é negativo de fraca intensidade, que contribuir de forma estatisticamente significativa para este modelo. Os resultados sugerem que quanto menos acreditam que não significa parar, mais favorável é o sujeito à atitude face à coerção sexual.

No que concerne ao comportamento de vitimização, foram considerados modelos de regressão linear, com entrada forçada das dimensões da atitude. O modelo explica 78% da variação da resposta dos participantes às questões relacionadas com as situações em que é vítima de coerção sexual [ $R^2_{adj}=0.78\%$ ,  $F_{(3, 46)}=55.77$ ,  $p<.001$ ].

TABELA 5.23. MODELO SUMÁRIO - VÍTIMA

Modelo	<i>R</i>	<i>R</i> <sup>2</sup>	<i>R</i> <sup>2</sup> Ajustado	RMSE	<i>R</i> <sup>2</sup> Mudança	<i>F</i> Mudança	gl1	gl2	<i>p</i>
H <sub>0</sub>	0.00	0.00	0.00	0.90	0.00		0	46	
H <sub>1</sub>	0.89	0.80	0.78	0.42	0.80	55.77	3	43	< .001

Os coeficientes de regressão sugerem que a dimensão afetiva apresenta um coeficiente negativo de intensidade média, sugerindo que quem apresenta uma dimensão afetiva menos favorável à coerção tende a apresentar mais situações de vitimização.

TABELA 5.24. COEFICIENTES DE REGRESSÃO

Modelo	Não estandard.	Erro padrão	$\beta$	<i>t</i>	<i>p</i>
H <sub>0</sub> (Interceção)	0.66	0.13		5.05	< .001
H <sub>1</sub> (Interceção)	-0.95	0.16		-6.12	< .001
Afetiva	-0.34	0.18	-0.31	-1.87	0.07
Comportamental	0.48	0.15	0.45	3.24	0.002
Cognitiva	0.82	0.15	0.77	5.54	< .001

Os coeficientes das dimensões comportamental e cognitiva são positivos de intensidade média e forte, respetivamente. Os resultados sugerem que pontuações mais elevadas nestas dimensões são explicativas de comportamentos de vitimização. Estes dois coeficientes são estatisticamente significativos.

O mesmo procedimento foi aplicado ao comportamento de perpetuação da subamostra dos homens.

TABELA 5.25. MODELO SUMÁRIO - PERPETUADOR

Modelo	<i>R</i>	<i>R</i> <sup>2</sup>	<i>R</i> <sup>2</sup> Ajustado	RMSE	<i>R</i> <sup>2</sup> Mudança	<i>F</i> Mudança	gl1	gl2	<i>p</i>
H <sub>0</sub>	0.00	0.00	0.00	0.87	0.00		0	46	
H <sub>1</sub>	0.91	0.82	0.81	0.38	0.82	65.65	3	43	< .001

O modelo explica 82% da variação da resposta dos participantes às questões relacionadas com as situações em que é vítima de coerção sexual [ $R^2_{adj}=0.82$ ,  $F_{(3, 46)}=65.65$ ,  $p<.001$ ].

Apresentam-se em seguida os coeficientes de correlação para o modelo testado.

TABELA 5.26. COEFICIENTES DE REGRESSÃO

Modelo		Não estandard.	Erro padrão	$\beta$	$t$	$p$
H <sub>0</sub>	(Interceção)	0.62	0.13		4.88	< .001
H <sub>1</sub>	(Interceção)	-1.05	0.14		-7.41	< .001
	Afetiva	-0.27	0.17	-0.25	-1.62	0.11
	<b>Comportamental</b>	0.69	0.13	0.68	5.16	< .001
	<b>Cognitiva</b>	0.53	0.14	0.51	3.95	< .001

De forma similar, a dimensão afetiva apresenta um coeficiente negativo, de baixa intensidade e não significativo do ponto de vista estatístico. As variáveis que contribuem significativamente para a explicação do comportamento de perpetuação são a dimensão comportamental e cognitiva, com coeficientes de correlação positivos de forte intensidade. Os resultados sugerem que são os homens com uma atitude mais favorável nos domínios comportamental e cognitivo que apresentam também mais comportamentos de perpetuação.

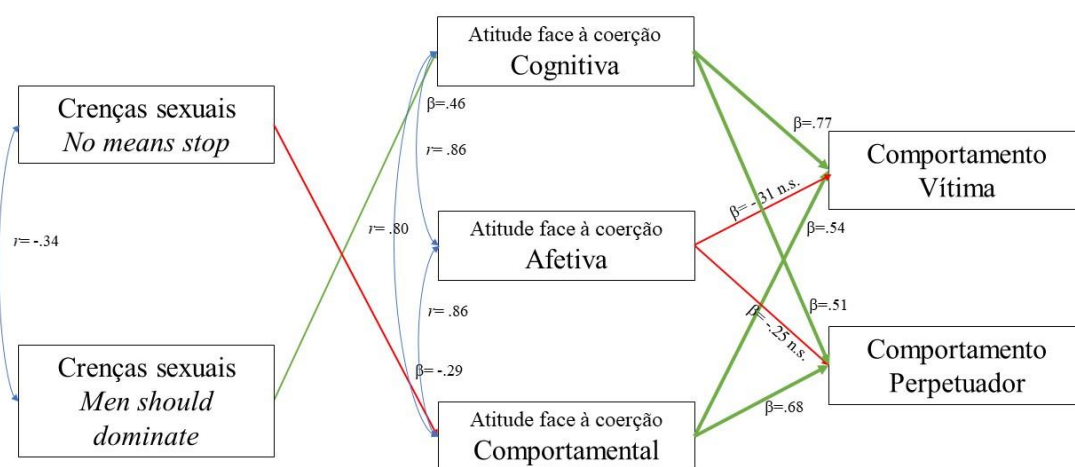


FIGURA 5.3 MODELO EXPLICATIVO DE COMPORTAMENTOS DE VITIMIZAÇÃO E PERPETUAÇÃO EM HOMENS

## 6. DISCUSSÃO

A coerção sexual parece ser um comportamento comum entre parceiros (Russell & Oswald, 2001), contudo, este fenómeno é pouco estudado, em parte pelas crenças associadas à construção da sexualidade entre parceiros íntimos. O comportamento de perpetuação e vitimização poderá depender de uma atitude face à coerção sexual, destacando-se a utilidade da dinâmica cognitiva, afetiva e comportamental da atitude para explicar o comportamento. Não obstante, essa atitude poderá ser alimentada por um conjunto de crenças e padrões sociais (Russell & Oswald, 2001). A coerção sexual continua a mostrar uma assimetria entre homens e mulheres, com os homens a serem tradicionalmente mais perpetradores (Cabral et al., 2006; Cordeiro et al., 2009). Assim, procurámos selecionar variáveis socio-cognitivas, sensíveis a essa assimetria, tais como: a) o sexismo ambivalente, que pretende descrever a aceitação da mulher como inferior ao homem, quer através de um preconceito antagonista ou de uma forma mais subtil e benevolente, baseada na intimidade heterossexual, complementaridade dos géneros e protecionismo paternalista (Glick & Fiske, 1996); b) o duplo padrão sexual que determina a perceção de que homens e mulheres têm direitos sexuais diferenciados (Ramos et al., 2005); c) a orientação de dominância social que se preocupa em caracterizar a orientação de aceitar a igualdade entre grupos ou, pelo contrário, aceitar o natural domínio de um sobre o outro (Wachelke & Matos, 2019); d) as crenças sexuais face à violência que pretendem caracterizar a aceitação de situações interpretadas assimetricamente pelo perpetrador e pela vítima, com enfoque na dominância do homem sobre a mulher (Carr & Van Deusen, 2004).

Deste modo, o presente estudo teve como objetivos: a) descrever o comportamento de coerção sexual entre parceiros; b) estudar a relação explicativa do sexismo ambivalente, duplo padrão sexual, orientação de dominância social e crenças sexuais com a atitude face à coerção sexual e; c) estudar relação explicativa entre a atitude face à coerção sexual e o comportamento de coerção sexual, tanto na situação de vítima como de perpetrador. E apresenta como hipóteses: 1) os homens deverão apresentar médias de resposta superiores às mulheres em todas as variáveis em estudo; 2) os homens deverão apresentar uma média mais elevada de perpetuação do que as mulheres; 3) quanto mais favorável a atitude face à coerção sexual, maior a probabilidade de ter tido comportamentos de perpetuação; 4) a atitude face à coerção sexual seja explicada pelo conjunto do duplo padrão sexual, sexismo ambivalente, orientação de dominância social

e crenças sexuais; 5) quanto mais favorável a atitude face à coerção sexual, maior a probabilidade de ter sido vítima de coerção sexual.

Começaremos por discutir a coerção sexual presente no nosso estudo. De uma forma em geral, os participantes referem não ter sido vítimas, nem terem perpetrado comportamentos de coerção com vista à consumação de atos sexuais. Não obstante, 58% da amostra já teve experiências no âmbito da coerção sexual, sem diferenças entre sexos nas experiências de vitimização. Na perpetração, os homens descrevem-se mais como perpetradores do que as mulheres. Os estudos anteriores apontam que são as mulheres as que mais sofrem de coerção sexual, sendo os homens os que mais perpetuam (Cabral et al., 2006; Dantas-Berger, & Giffin, 2005; Black et al., 2011; Kelly et al., 2014; Brousseau et al., 2012). Neste estudo, apenas a premissa dos homens serem mais perpetradores é que parece confirmar-se. Estes resultados poderão ser explicados por uma maior distribuição das idades e da estabilidade das relações, conduzindo a uma diminuição da coerção sexual. Maioritariamente, os estudantes/jovens são a amostra preferencial, como por exemplo o estudo de Cordeiro et al. (2009) onde a idade dos participantes variava entre os 18 e os 24 anos; Fernández-Fuertes et al. (2018) também realizou o seu estudo sobre a coerção sexual em adolescentes entre os 15 e os 19 anos; também Moraes et al. (2006) fez um estudo em jovens entre os 18 e os 24 anos, onde se considera existir maior frequência de comportamentos de coerção sexual. Ainda assim é de considerar que assimetria na perpetração, poderá ser indicador da continuidade da assimetria deste comportamento entre sexos.

Tendo esse princípio como ponto de partida na literatura consultada, foram selecionadas variáveis socio-cognitivas que variam entre sexos. Os scores totais mostram que a amostra apresenta scores abaixo do valor mediano das escalas de medida no sexismo hostil e benevolente, apresentam valores mais igualitários relativamente ao duplo padrão sexual, parecem acreditar mais na independência dos grupos sociais, e manter crenças desfavoráveis à violência nas relações sexuais. No entanto, quando comparados os scores obtidos pelos homens e mulheres, verifica-se que os homens apresentam scores mais elevados de sexismo hostil, sexismo benevolente, acreditam ligeiramente menos na igualdade dos direitos sexuais, e possuem crenças mais favoráveis à violência nas relações sexuais.

Estes resultados já eram esperados e assemelham-se a outros encontrados em vários estudos que comparam estas dimensões em homens e mulheres. Glick e Fiske

(1996) que mostram que os homens apresentam valores mais elevados de sexismo (tanto hostil como benevolente) que as mulheres. Feltey et al. (1991) que salientam a importância do sexo na determinação das atitudes acerca da agressão sexual em geral, uma vez que os homens legitimam mais frequentemente os mitos sexuais e os comportamentos sexualmente coercivos. Eaton e Matamala (2014) revelaram que os homens apresentam valores mais altos em crenças que vai ao encontro com os estereótipos sobre a sexualidade masculina. A variação encontrada nestas crenças poderá explicar porque o homem se apresenta mais como perpetrador, suportado na persistente assimetria de poder entre os géneros no mundo social, o que leva a uma constante vulnerabilidade feminina nas relações com homens em diversos níveis, incluindo no domínio sexual (Cabral et al., 2006; Adams-Curtis, & Forbes, 2004; Cordeiro et al., 2009; Byers, 1996). Assim, podemos confirmar as hipóteses 1 e 2 do nosso estudo.

Ainda assim, não se observaram diferenças significativas ao nível da dominância social, contrariamente ao esperado. De acordo com Wachelke e Matos (2019) seria de esperar que os homens apresentassem níveis mais elevados da dimensão da orientação para a dominância social que as mulheres. Relativamente ao duplo padrão sexual, os resultados na literatura parecem ser contraditórios, já que nem sempre são as mulheres a apresentar uma posição mais igualitária, como se pode observar no estudo de Kim et al. (2019).

Outro dos nossos objetivos era estabelecer a relação entre estas variáveis e a atitude face à coerção sexual. De acordo com a literatura a atitude é um dos preditores com comportamento, tal como Fazio (1986) e Kalof (1995) explicam nos seus estudos. Devemos recordar que a coerção sexual parte de um conjunto de comportamentos esperados entre um casal, só se denotando a sua existência a partir do momento em que há uma recusa desse avanço. Contudo, as dinâmicas sexuais são complexas e a compreensão dessa recusa no âmbito da relação sexual como não-avanço, poderá ser fortemente influenciado pela atitude perante esses comportamentos.

Existem várias medidas que medem os comportamentos coercivos entre casal, no entanto, na extensão do nosso conhecimento, ainda não existia nenhuma medida relativa à atitude face à coerção sexual. Deste modo, observando que talvez ajude a explicar os resultados ambíguos relativamente à coerção sexual (perfis mistos, dificuldade em

definir-se como perpetrador ou vítima), optámos por construir uma medida para esse efeito.

Inicialmente foi realizado um pré-teste de modo a averiguar a fiabilidade e validade dos itens da escala. Com a amostra final foi feita uma análise fatorial exploratória onde, de facto, nos foi possível encontrar três dimensões no conjunto de itens construídos com base nos comportamentos coercivos, que parecem obedecer às três dimensões da atitude (dimensão cognitiva, afetiva e comportamental). A utilidade desta medida foi, neste caso, instrumental ao estudo, mas carece de maior confirmação da sua validade. Futuramente seria interessante realizar um estudo de validação deste instrumento, inclusive compará-lo com outras escalas de atitude de coerção face à violência. Os resultados evidenciam que a amostra tem uma atitude desfavorável à coerção sexual. Ainda assim, dentro da desfavorabilidade, os homens parecem ser os que apresentam crenças menos desfavoráveis do que as mulheres. Esta atitude pode ser influenciada por um conjunto de variáveis nomeadamente: o duplo padrão sexual, o sexismo ambivalente, a orientação de dominância social e as crenças sexuais.

Para verificar esta hipótese, começámos por verificar a existência de correlações entre as dimensões em estudo. Observaram-se correlações significativas entre todas as medidas e a atitude, com exceção da dominância social. Para testar o efeito das dimensões socio-cognitivas na atitude, foram conduzidas regressões lineares múltiplas. Uma vez que observados os valores diferenciados entre homens e mulheres nas variáveis anteriormente referidas, optamos por fazer a testagem do modelo por sexos.

No que diz respeito aos resultados da escala de atitude face à coerção, a nossa hipótese é que esta seja explicada pelas variáveis sociocognitivas estudadas (duplo padrão sexual, sexismo ambivalente, orientação de dominância social e crenças sexuais), o que de facto parece acontecer.

No entanto, é possível verificar que algumas variáveis, como o duplo padrão sexual e as crenças sexuais são as que parecem ter uma relação estatisticamente mais preditora da atitude, nomeadamente para as mulheres. Tal como referido anteriormente, Endendijk et al. (2020) refere que se encontram mais evidências de elevado DPS em vítimas de coerção sexual (que são maioritariamente mulheres) do que em perpetradores. Isto talvez possa ser explicado percebendo que para ter uma atitude positiva face à coerção sexual terá de efetivamente internalizar esse duplo padrão e de acreditar mais

nestas questões relacionadas com as crenças sexuais face à violência. Por outro lado, os homens também têm a sua atitude explicada em parte pelas crenças, mas não parecem ser modelos tão explicativos, ou seja, apresentam um grau inferior de significância. Em norma estes modelos explicam na generalidade, mas não há um contributo específico destas variáveis. Não poderemos por isso afirmar que confirmamos a hipótese 3, ainda que se tenha compreendido que o duplo padrão sexual e as crenças face à violência sexual parecem ser determinantes para a atitude face à coerção sexual. Os coeficientes de regressão suportam a ideia de que os participantes com maior crença no duplo padrão sexual e em duas dimensões particulares das crenças na violência nas relações sexuais (*leading on justifies force e women like force*) são mais suscetíveis de apresentar scores mais favoráveis à coerção sexual.

Relativamente ao comportamento de vítima das mulheres o que parece importar mais é a dimensão comportamental, apresentando um coeficiente positivo e contribuindo para a mesma. No entanto, nos homens parece ser a dimensão cognitiva e a comportamental as que mais explicam o comportamento de vitimização. Já no que toca ao comportamento de perpetuação por parte das mulheres, este parece ser explicado pela dimensão comportamental, mas também pela cognitiva. No entanto, explicam em direções opostas, o que de facto mostra ser um resultado surpreendente, com base no que reúne a dimensão comportamental e dimensão cognitiva da atitude. Equivaleria a dizer que quanto mais acreditam em estimular o parceiro para que este ceda aos avanços maior a probabilidade de perpetrarem, mas não parecem acreditar que estas sejam boas estratégias para conseguir ter relações sexuais. Estes resultados levam-nos a querer que possa existir uma dissonância cognitiva, uma vez que, embora as crenças descritas sejam “a favor” da perpetuação, as mulheres necessitam de acreditar menos nelas para efetivamente terem comportamentos coercivos. É sabido que os indivíduos têm uma necessidade interna de manter em harmonia os seus comportamentos com as suas crenças, então quando acontece uma dissonância é esperado que o indivíduo procure voltar a atingir a harmonia. Neste sentido, a teoria da dissonância cognitiva procura “tentar explicar o que ocorre, psicologicamente, quando existe uma falta de concordância entre as crenças e experiências” dos indivíduos (Martins, 2015). Esta explica que, quando acontece uma dissonância cognitiva, o indivíduo procura reestabelecer a harmonia, o que pode acontecer de três formas: a) com uma mudança de comportamento; b) mudança do ambiente; c) abandonando a dissonância/ reduzir a sua importância. A dissonância

cognitiva pode levar a uma mudança de comportamentos e/ou de crenças, uma vez que a mesma provoca um desconforto psicológico, levando o indivíduo a evitar ativamente situações ou informações que provoquem a mesma. Estas mudanças podem ser comprovadas num estudo feito a estudantes universitários por Eisenstadt et al. (2005) no que toca ao preconceito racial, bem como num estudo de Palfai, & Kahler (2005) em problemas alcoólicos e também num estudo de Stone et al. (1994) relativo ao uso de preservativo em estudantes universitários (Steinmetz et al., 2019). Esta procura em evitar passar novamente por uma situação de dissonância cognitiva, mudando o comportamento, pode ser uma resposta à diferença da incidência de comportamentos perpetradores entre homens e mulheres. Como já anteriormente referido, são os homens que apresentam mais comportamentos coercivos. Deste modo, de acordo com os nossos resultados, o comportamento de perpetuação dos homens parece ser explicado pela dimensão comportamental e cognitiva, mostrando que quando mais estes acreditam nestas dimensões maior é a probabilidade de virem a ter comportamentos coercivos. Desta forma, os homens não passam por nenhuma dissonância cognitiva, ao contrário das mulheres, tendo menor probabilidade de mudar o seu comportamento e, assim, tendem a repetir os comportamentos coercivos. Por outro lado, o porquê desta dissonância acontecer nas mulheres será algo que futuramente necessitará de mais estudos. Uma justificação plausível seria o facto de as mulheres sempre terem sido vistas como o sexo mais fraco, podendo sentir que ao forçar a relação sexual estão a demonstrar poder face ao homem. Por outro lado, o comportamento coercivo pode ser motivado pelo prazer sexual momentâneo de satisfazer fantasias, nomeadamente o uso da força e/ou abuso de poder. No entanto, reforço a ideia que será necessário aprofundar esta questão. Posto isto, os resultados relativos ao comportamento coercivo da amostra, mostraram a existência uma grande diferença entre o que as pessoas admitem de imediato e as medidas de observação do comportamento coercivo, sendo que existe uma maior percentagem de pessoas que apresentam respostas de comportamento coercivo do que a amostra admite ter. Além disso, uma vez que apenas algumas dimensões da atitude explicam os comportamentos de vitimização e de perpetuação e, uma delas explica contrariamente à lógica esperada, as hipóteses 5 e 6 (quanto mais favorável a atitude face à coerção sexual, maior a probabilidade de ter sido vítima de coerção sexual e/ou de ter tido comportamentos de perpetuação) não se podem confirmar.

Concluindo, os resultados deste estudo parecem vir a reforçar o que é relatado na literatura, indo de encontro com a hipótese sugerida, mostrando que as dimensões sociocognitivas/ preditores influenciam a atitude e que esta, conseqüentemente, influencia a tolerância dos indivíduos a situações de coerção sexual, tanto os perpetradores como as vítimas. Contudo, como proposta de trabalho futuro, sugiro que este mesmo estudo seja feito com uma amostra maior, de modo a obtermos uma amostra e resultados mais representativos da população portuguesa.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adams-Curtis, L. E., & Forbes, G. B. (2004). College Women's Experiences of Sexual Coercion: A Review of Cultural, Perpetrator, Victim, and Situational Variables. *Trauma, Violence, & Abuse*, 5(2), 91-122. <https://doi.org/10.1177/1524838003262331>

Ajzen, I., & Fishbein, M. (2005). *The Influence of Attitudes on Behavior*. In D. Albarracín, B. T. Johnson, & M. P. Zanna (Eds.), *The handbook of attitudes* (p. 173–221). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

Black, M., Basile, K., Breiding, M., Smith, S., Walters, M., Merrick, M., ... & Stevens, M. (2011). National intimate partner and sexual violence survey: 2010 summary report. <http://hdl.handle.net/20.500.11990/250>

Bouffard, J. A., Bouffard, L. A., & Miller, H. A. (2016). Examining the Correlates of Women's Use of Sexual Coercion: Proposing an Explanatory Model. *Journal of Interpersonal Violence*, 31(13), 2360–2382. <https://doi.org/10.1177/0886260515575609>

Brousseau, M. M., Hébert, M., & Bergeron, S. (2012). Sexual coercion within mixed-sex couples: The roles of sexual motives, revictimization, and perpetration. *Journal of sex research*, 49(6), 533-546. <https://doi.org/10.1080/00224499.2011.574322>

Brownmiller, S. (1975). *Against our will: Men, women and rape*. New York: Simon & Schuster.

Bryant-Davis, T., Chung, H., & Tillman, S. (2009). From the Margins to the Center: Ethnic Minority Women and the Mental Health Effects of Sexual Assault. *Trauma, Violence, & Abuse*, 10(4), 330-357. <https://doi.org/10.1177/1524838009339755>

Byers, E. S., & Eno, R. J. (1992). Predicting men's sexual coercion and aggression from attitudes, dating history, and sexual response. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 4(3), 55-70. [https://doi.org/10.1300/J056v04n03\\_04](https://doi.org/10.1300/J056v04n03_04)

Byers, E. S. (1996). How well does the traditional sexual script explain sexual coercion? Review of a program of research. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 8(1-2), 7-25. [https://doi.org/10.1300/J056v08n01\\_02](https://doi.org/10.1300/J056v08n01_02)

Caridade, S., & Machado, C. (2008). Violência sexual no namoro: relevância da prevenção. *Psicologia*, 22(1), 77-104. <http://hdl.handle.net/10284/8028>

Cordeiro, F., Heilborn, M. L., Cabral, C. D. S., & Moraes, C. L. D. (2009). Entre negociação e conflito: gênero e coerção sexual em três capitais brasileiras. *Ciência & Saúde Coletiva*, *14*, 1051-1062. doi: 10.1590/s1413-81232009000400012

Costa, P., Leal, I., Oliveira, R., & Pereira, H. (2015). Adaptação dos Inventários de Sexismo Moderno para Portugal: O Inventário de Sexismo Ambivalente e o Inventário de Ambivalência em relação aos Homens. *Psicologia e Reflexão Crítica*, *28*(1), 126-135. doi: 10.1590/1678-7153.201528114.

Christopher, A. N., & Wojda, M. R. (2008). Social dominance orientation, right-wing authoritarianism, sexism, and prejudice toward women in the workforce. *Psychology of Women Quarterly*, *32*(1), 65-73. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2007.00407.x>

Dutton, M. A., & Goodman, L. A. (2005). Coercion in intimate partner violence: Toward a new conceptualization. *Sex roles*, *52*(11-12), 743-756. <https://doi.org/10.1007/s11199-005-4196-6>

Eaton, A. A., & Matamala, A. (2014). The relationship between heteronormative beliefs and verbal sexual coercion in college students. *Archives of sexual behavior*, *43*(7), 1443-1457. <https://doi.org/10.1007/s10508-014-0284-4>

Eaton, A. A., & Stephens, D. P. (2019). Using the theory of planned behavior to examine beliefs about verbal sexual coercion among urban Black adolescents. *Journal of interpersonal violence*, *34*(10), 2056-2086. <https://doi.org/10.1177/0886260516659653>

Ekehammar, B., Akrami, N., & Araya, T. (2000). Development and validation of Swedish classical and modern sexism scales. *Scandinavian journal of psychology*, *41*(4), 307-314. <https://doi.org/10.1111/1467-9450.00203>

Elder, W. B., Brooks, G. R., & Morrow, S. L. (2012). Sexual self-schemas of heterosexual men. *Psychology of Men & Masculinity*, *13*(2), 166. <https://doi.org/10.1037/a0024835>

Endendijk, J. J., van Baar, A. L., & Deković, M. (2020). He is a stud, she is a slut! A meta-analysis on the continued existence of sexual double standards. *Personality and Social Psychology Review*, *24*(2), 163-190. <https://doi.org/10.1177/1088868319891310>

Enosh, G. (2007). Cognition or involvement? Explaining sexual-coercion in high-school dating. *Sexual abuse: a journal of research and treatment*, *19*(3), 311-329. <https://doi.org/10.1007/s11194-007-9050-7>

Expósito, F., Moya, M. C., & Glick, P. (1998). Sexismo ambivalente: medición y correlatos. *Revista de Psicología social*, 13(2), 159-169. <https://doi.org/10.1174/021347498760350641>

Fazio, R. H. (1986). How do attitudes guide behavior. *Handbook of motivation and cognition: Foundations of social behavior*, 1, 204-243.

Fernández-Fuertes, A. A., Carcedo, R. J., Orgaz, B., & Fuertes, A. (2018). Sexual coercion perpetration and victimization: gender similarities and differences in adolescence. *Journal of interpersonal violence*, 33(16), 2467-2485. <https://doi.org/10.1177/0886260518774306>

Fisher, B. S., Cullen, F. T., & Turner, M. G. (2000). The Sexual Victimization of College Women. Research Report.

Formiga, N. (2017). *A orientação valorativa na manutenção do preconceito feminino: Consistência correlacional entre os valores humanos e sexismo ambivalente*. *Psicologia Argumento*, 24(47), 49-59. doi: 10.7213/rpa.v24i47.20083

Giger, J. C., Orgambidez-Ramos, A., Gonçalves, G., Santos, J., & Gomes, A. (2015). Metric Evidences of the adaptation of the Social Dominance Scale in a portuguese sample. *Avaliação Psicológica*, 14(1), 143-151. doi: 10.15689/ap.2015.1401.16

Glick, P., & Fiske, S.T. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70 (3), 491–512. doi: 10.1037/0022-3514.70.3.491

Hines, D. A. (2007). Predictors of sexual coercion against women and men: A multilevel, multinational study of university students. *Archives of sexual behavior*, 36(3), 403-422. <https://doi.org/10.1007/s10508-006-9141-4>

Impett, E. A., & Peplau, L. A. (2003). Sexual compliance: Gender, motivational, and relationship perspectives. *Journal of sex research*, 40(1), 87-100. <https://doi.org/10.1080/00224490309552169>

Jain, V. (2014). 3D model of attitude. *International Journal of Advanced Research in Management and Social Sciences*, 3(3), 1-12.

Kalof, L., & Wade, B. H. (1995). Sexual attitudes and experiences with sexual coercion: Exploring the influence of race and gender. *Journal of Black Psychology*, 21(3), 224-238. <https://doi.org/10.1177/00957984950213002>

Kalra, G., & Bhugra, D. (2013). Sexual violence against women: Understanding cross-cultural intersections. *Indian journal of psychiatry*, 55(3), 244. doi: 10.4103/0019-5545.117139

Kelly, A. J., Dubbs, S. L., & Barlow, F. K. (2015). Social dominance orientation predicts heterosexual men's adverse reactions to romantic rejection. *Archives of sexual behavior*, 44(4), 903-919. <https://doi.org/10.1007/s10508-014-0348-5>

Kim, Y., Lee, E., & Lee, H. (2019). Sexual double standard, dating violence recognition, and sexual assertiveness among university students in South Korea. *Asian nursing research*, 13(1), 47-52. <https://doi.org/10.1016/j.anr.2019.01.003>

Lacasse, A., & Mendelson, M. J. (2007). Sexual Coercion Among Adolescents: Victims and Perpetrators. *Journal of Interpersonal Violence*, 22(4), 424-437. doi:10.1177/0886260506297027

Lamarche, V. M., & Seery, M. D. (2019). Come on, give it to me baby: Self-esteem, narcissism, and endorsing sexual coercion following social rejection. *Personality and Individual Differences*, 149, 315-325. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.05.060>

López, F., Sánchez, F. L., & Fuertes, A. (1989). *Para comprender la sexualidad* (Vol. 21). Edicoes Loyola.

Mahoney, A. R., & Knudson-Martin, C. (2009). Gender equality in intimate relationships. *Couples, gender, and power: Creating change in intimate relationships*, 3-16.

Martins, R. P. (2015). Ciência e a dissonância cognitiva. *Revista da Clínica Ortodontia Dental Press*, 14(4), 5-6. DOI: 10.13140/RG.2.1.4611.1202

Marshall, E. A., Miller, H. A., & Bouffard, J. A. (2018). Bridging the theoretical gap: using sexual script theory to explain the relationship between pornography use and sexual coercion. *Journal of interpersonal violence*. <https://doi.org/10.1177/0886260518795170>

Marx, B. P., Van Wie, V., & Gross, A. M. (1996). Date rape risk factors: A review and methodological critique of the literature. *Aggression and Violent Behavior*, 1(1), 27-45. [https://doi.org/10.1016/1359-1789\(95\)00003-8](https://doi.org/10.1016/1359-1789(95)00003-8)

Moraes, C. L. D., Cabral, C. S., & Heilborn, M. L. (2006). Magnitude e caracterização de situações de coerção sexual vivenciadas por jovens de três grandes capitais brasileiras: Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador. *Cadernos de Saúde Pública*, 22, 1493-1504, doi: 10.1590/s0102-311x2006000700013.

Muehlenhard, C. L., & Felts, A. S. (1998). Sexual beliefs scale. *Handbook of sexuality-related measures*, 116-118.

Muehlenhard, C. L., & Rodgers, C. S. (1998). Token resistance to sex: New perspectives on an old stereotype. *Psychology of Women Quarterly*, 22(3), 443-463. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1998.tb00167.x>

Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. <http://hdl.handle.net/1822/4211>

Ramos, V., Carvalho, C. C., & Leal, I. P. (2005). Atitudes e comportamentos sexuais de mulheres universitárias: A hipótese do duplo padrão sexual. *Análise psicológica*, 23(2), 173-185. <https://doi.org/10.14417/ap.80>

Reiss, I. L. (1964). The scaling of premarital sexual permissiveness. *Journal of Marriage and the Family*, 188-198. <https://doi.org/10.2307/349726>

Rollero, C., Bergagna, E., & Tartaglia, S. (2019). What is violence? The role of sexism and social dominance orientation in recognizing violence against women. *Journal of interpersonal violence*. <https://doi.org/10.1177/0886260519888525>

Russell, B. L., & Oswald, D. L. (2001). Strategies and dispositional correlates of sexual coercion perpetrated by women: An exploratory investigation. *Sex Roles*, 45(1-2), 103-115. <https://doi.org/10.1023/A:1013016502745>

Stalans, L.J., & Ritchie, J. (2008). Relationship of substance use/abuse with psychological and physical intimate partner violence: Variations across living situations. *Journal of Family Violence*, 23(1), 9-24. doi: 10.1007/s10896-007-9125-8

Steinmetz, Sarah E.; Gray, Matt J.; Raymond, Elizabeth M. (2019). *Reducing Rape-Related Attitudes Utilizing a Cognitive Dissonance Paradigm. Violence Against Women*, ( ), 107780121882499-. doi:10.1177/1077801218824999

Stephens, D. P., & Eaton, A. A. (2014). The influence of masculinity scripts on heterosexual Hispanic college men's perceptions of female-initiated sexual coercion. *Psychology of Men & Masculinity*, 15(4), 387. <https://doi.org/10.1037/a0034639>

Tomaszewska, P., & Krahé, B. (2016). Attitudes towards sexual coercion by Polish high school students: links with risky sexual scripts, pornography use, and religiosity. *Journal of sexual aggression*, 22(3), 291-307. <https://doi.org/10.1080/13552600.2016.1195892>

Wachelke, J., & Matos, F. R. (2019). Hierárquicos, igualitários e contraditórios: posição social de adolescentes e orientação para a dominância social. *Psico*, 50(4). <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.4.33939>

Waldner, L. K., Vaden-Goad, L., & Sikka, A. (1999). Sexual coercion in India: An exploratory analysis using demographic variables. *Archives of Sexual Behavior*, 28(6), 523-538. <https://doi.org/10.1023/A:1018717216774>

World Health Organization (2010). The nature, magnitude and consequences of intimate partner and sexual violence. In World Health Organization (Ed.), *Preventing intimate partner and sexual violence against women: taking action and generating evidence*, 15-17

## **8. ANEXO**

## ANEXO I – CONSENTIMENTO INFORMADO

### Consentimento Informado

---

O presente questionário insere-se no âmbito de uma investigação sobre coerção sexual que está a ser realizado para a obtenção de grau de mestre em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, da Universidade do Algarve, sob a orientação da Prof. Doutora Alexandra Gomes.

A sua participação neste estudo é completamente voluntária e a qualquer momento poderá desistir de participar, sem que isso o prejudique.

Todos os dados recolhidos são totalmente confidenciais e tratados de forma global, garantido o anonimato dos participantes. Para que as suas respostas sejam submetidas terá de preencher o questionário até ao fim. Não existem respostas certas ou erradas, pelo que pedimos a maior sinceridade nas mesmas. O preenchimento deste questionário tem a duração aproximada de 15 minutos e destina-se a indivíduos de nacionalidade portuguesa que sejam maiores de idade.

Agradecemos, desde já, a sua participação.

Declaro que pretendo participar neste estudo de forma voluntária e anónima preenchendo os questionários que se seguem

## ANEXO II – QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO SOCIO DEMOGRÁFICA

### Dados Sociodemográficos

---

Agora, por favor, preencha apenas alguns dados sociodemográficos por questões estatísticas.

\* Sexo biológico

- Homem
- Mulher
- Prefiro não responder

\* Idade

*Valor mínimo aceite: 1*

\* Anos de escolaridade

\* Orientação sexual

- Heterossexual
- Homossexual
- Bissexual
- Outra

\* Estado civil

- Solteiro/a
- Casado/a ou em União de Facto
- Separado/a ou Divorciado/a
- Viúvo/a

\* Região de origem

- Algarve
- Alentejo
  
- Estremadura, Ribatejo (incluindo Zona da Grande Lisboa)
- Beira Interior
- Beira Litoral
- Douro e Minho (incluindo Zona do Grande Porto)
- Trás-os-Montes e Alto Douro
- Zonas Autónomas (Madeira e Açores)

\* Situação profissional

- Estudante a tempo inteiro
- Trabalhador-estudante
- Trabalhador
- Desempregado

## ANEXO III - QUESTIONÁRIO SOBRE A HISTÓRIA DE RELACIONAMENTOS AMOROSOS

### História de Relacionamentos Amorosos

---

- De momento, encontra-se numa relação amorosa?
  - Sim
  - Não
  
- Considera que a sua relação é/foi estável?
  - Sim
  - Não
  
- Quanto tempo dura/durou a relação?  
 meses
  
- Considera que a sua relação é/foi exclusiva?
  - Sim
  - Não
  
- Já esteve em alguma relação anteriormente?
  - Sim
  - Não
  
- Alguma vez se sentiu coagido/a sexualmente pela/o sua/seu parceira/o?
  - Sim
  - Não
  
- Alguma vez sentiu que era forçado/a a fazer alguma coisa que não desejava, por parte da/o sua/seu parceira/o?
  - Sim
  - Não
  
- Alguma vez cedeu aos avanços do/a seu/sua parceiro/a, apesar de inicialmente não ser sua vontade fazê-lo?
  - Sim
  - Não
  
- Alguma vez sentiu ameaças ou foi chantageado/a por parte da/o sua/seu parceira/o, com vista a conseguir algo de si?
  - Sim
  - Não
  
- Alguma vez coagiu sexualmente o seu/sua parceiro/a?
  - Sim
  - Não
  
- Alguma vez forçou o/a seu/sua parceiro/a a fazer alguma coisa que não desejava?
  - Sim
  - Não
  
- Alguma vez ameaçou ou chantageou o/a seu/sua parceiro/a, com vista a conseguir algo dele/a?
  - Sim
  - Não

## ANEXO IV - QUESTIONÁRIO SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DO INDIVÍDUO NOS ÚLTIMOS 3 MESES

### Experiências nos últimos 3 meses

Responda à seguintes questões relativas às suas experiências nos últimos 3 meses, utilizando a seguinte escala:

- 0 - Não aconteceu**  
**1 - Aconteceu raramente**  
**2 - Aconteceu várias vezes**  
**3 - Aconteceu muitas vezes**  
**4 - Aconteceu sempre**

Matrix

	0	1	2	3	4
* 1. Persisti com a tentativa de curtir com o/a meu/minha parceiro /parceira apesar de este/esta ter demonstrado passividade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 2. O/a meu/minha parceiro/parceira persistiu com a tentativa de curtir comigo apesar de eu ter demonstrado passividade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 3. Persisti com a tentativa de curtir com o/a meu/minha parceiro /parceira apesar de este/esta ter demonstrado resistência.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 4. O/a meu/minha parceiro/parceira persistiu com a tentativa de curtir comigo apesar de eu ter demonstrado resistência.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 5. Persisti com a tentativa de ter relações sexuais com o/a meu/minha parceiro/parceira apesar de este/esta ter demonstrado passividade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 6. O/a meu/minha parceiro/parceira persistiu com a tentativa ter relações sexuais comigo apesar de eu ter demonstrado passividade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 7. Persisti com a tentativa de ter relações sexuais com o/a meu/minha parceiro/parceira apesar de este/esta ter demonstrado resistência.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 8. O/a meu/minha parceiro/parceira persistiu com a tentativa de ter relações sexuais comigo apesar de eu ter demonstrado resistência.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>



• 15. Assim que uma mulher consegue que um homem se comprometa, geralmente procura pôr-lhe "rédea curta".	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• 16. Quando as mulheres perdem com um homem numa competição justa, elas, tipicamente, queixam-se de serem alvos de discriminação.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• 17. Uma boa mulher deveria ser colocada num pedestal pelo seu homem.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• 18. Muitas mulheres conseguem um "pontapé de saída" provocando os homens, mostrando-se sexualmente disponíveis, e depois recusando os seus avanços.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• 19. As mulheres, comparativamente aos homens, tendem a ter uma sensibilidade moral superior.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• 20. Os homens devem estar na disposição de sacrificar o seu próprio bem-estar, de forma a sustentarem financeiramente a mulher.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• 21. As feministas fazem exigências pouco razoáveis aos homens.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• 22. As mulheres, comparativamente com os homens, tendem a ter um sentido de cultura e gosto mais refinados.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

## Questionário 2

---

Leia atentamente cada afirmação apresentada em baixo e avalie-a de acordo com o seu grau de concordância, utilizando uma escala de 1 (**discordo totalmente**) a 4 (**concordo totalmente**)

Matrix

	1	2	3	4
* 1. É pior para uma mulher dormir com qualquer um, do que é para um homem.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 2. É melhor para um rapaz perder a virgindade antes de sair da adolescência.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 3. É aceitável que uma mulher tenha mais do que um relacionamento sexual, ao mesmo tempo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 4. É tão importante para um homem como para uma mulher ser virgem até ao casamento.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 5. Para mim, é aceitável que uma rapariga de 16 anos tenha tantas experiências sexuais quanto um rapaz de 16 anos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 6. Eu sinto alguma admiração por uma rapariga que tenha feito sexo com muitos rapazes.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 7. Eu sinto alguma pena de uma mulher que aos 21 anos ainda é virgem.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 8. Para mim, uma mulher ter sexo casual é tão aceitável quanto o é para um homem.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 9. Eu acho que é aceitável um homem fazer sexo com uma mulher por quem não está apaixonado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 10. Eu sinto alguma admiração por um rapaz que tenha feito sexo com muitas raparigas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 11. Uma mulher que inicie uma relação sexual é muito agressiva.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 12. Para mim, é aceitável um homem ter mais do que um relacionamento sexual, ao mesmo tempo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 13. Eu questiono o carácter de uma mulher que já teve muitos parceiros sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 14. Eu admiro um homem que é virgem até ao casamento.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 15. O homem deveria ser mais experiente sexualmente do que a sua esposa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>



* 7. Grupos inferiores deveriam ficar no seu lugar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 8. Algumas vezes outros grupos devem ser colocados no seu lugar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 9. Seria bom se os grupos pudessem ser iguais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 10. Igualdade grupal deveria ser o nosso ideal.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 11. A todos os grupos deveria ser dada uma hipótese na vida.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 12. Deveríamos fazer o que pudéssemos para alcançar a igualdade de condições para os diferentes grupos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 13. Aumentar a igualdade social.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 14. Teríamos menos problemas se tratássemos as pessoas de forma mais equalitária.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 15. Deveríamos nos esforçar por obter rendimentos o mais semelhantes possíveis.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 16. Nenhum grupo deveria dominar na sociedade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

## Questionário 4

Leia atentamente cada afirmação apresentada em baixo e avalie-a de acordo com o seu grau de concordância, utilizando a seguinte escala

0                      1                      2                      3  
Discordo totalmente                      Concordo totalmente

Matrix

	0	1	2	3
* 1. Os homens devem dominar as mulheres na cama.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 2. Mesmo que um homem realmente queira ter uma relação sexual, ele não deve fazê-lo se a mulher também não o quiser.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 3. As mulheres que são provocadoras merecem o que recebem.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 4. As mulheres ficam sexualmente excitadas ao serem dominadas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 5. De facto, um pouco de força excita uma mulher.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 6. É o direito de uma mulher recusar a relação sexual em qualquer momento.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 7. As mulheres costumam dizer "Não", mesmo quando querem dizer "Sim".	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 8. Quando uma mulher excita um homem e depois diz "Não", ele tem o direito de forçá-la a ter relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 9. Na verdade, as mulheres querem ser maltratadas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 10. Os homens é que devem decidir o que acontece durante a relação sexual.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 11. Justifica-se que um homem force uma mulher a ter relações sexuais com ele, se ela o fizer pensar que está disposta a isso.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 12. A masculinidade de um homem deve ser comprovada em situações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 13. Geralmente, as mulheres querem ser convencidas a fazer sexo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 14. As mulheres acham excitante quando os homens as forçam um pouco.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 15. Um homem deve respeitar os desejos de uma mulher se ela disser "Não".	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 16. Deve ser o homem a ditar o que acontece durante o sexo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 17. As mulheres dizem "Não" para que os homens não percam o respeito por elas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 18. Sentirem-se dominadas deixa as mulheres excitadas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 19. Uma mulher que leva um homem a acreditar que quer sexo, quando realmente não o quer, merece o que lhe acontecer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 20. As mulheres costumam dizer "Não" porque não querem que os homens pensem que são fáceis.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 21. Quando as mulheres dizem "Não", os homens deviam parar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 22. Durante o sexo, os homens devem estar no controlo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 23. Quando uma mulher brinca com um homem, ela merece o que lhe acontecer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 24. As mulheres apenas dizem "Não" para não parecerem promíscuas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 25. Uma mulher tem sempre o direito de dizer "Não", a qualquer momento..	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 26. Homens devem ter o poder em situações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 27. As mulheres excitam-se realmente com os homens que lhes "mostram quem manda".	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 28. As mulheres dizem "Não" apenas para parecer que são boas raparigas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 29. As mulheres que provocam os homens devem receber uma lição.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 30. O homem é que deve estar no controlo da situação sexual.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 31. As mulheres que agem como se quisessem sexo, merecem quando o homem leva a sua avante.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 32. Mesmo quando um homem é provocado, ele não tem o direito de forçar uma mulher.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 33. As mulheres que provocam os homens merecem o que recebem.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 34. Se uma mulher diz "Não", um homem não tem o direito de continuar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* M 35. Os homens devem executar a sua autoridade sobre as mulheres em situações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 36. Quando as mulheres dizem "Não", geralmente querem dizer "Sim".	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 37. As mulheres sentem-se realmente excitadas quando os homens as dominam na cama.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 38. Se uma mulher não quer sexo, o homem não tem o direito de o fazer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 39. As mulheres que agem de maneira sedutora realmente querem sexo, mesmo que não o admitam.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 40. As mulheres gostam quando os homens são um bocadinho brutos com elas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

## Questionário 5

Leia cada afirmação e selecione a sua resposta numa escala crescente de **1 (discordo totalmente)** a **5 (concordo totalmente)**:

C

	1	2	3	4	5
* 1. Entre parceiros sexuais, deve sempre existir relações sexuais quando um dos elementos o deseja.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 2. "Dizer que não" aos avanços sexuais é apenas uma forma de apimentar a situação sexual.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 3. Quando um dos elementos se recusa ao contacto sexual, o outro elemento deve insistir.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 4. Usar um pouco de força na relação sexual, é algo que melhora a satisfação do parceiro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 5. É necessário forçar o parceiro para que ele fique propício (entre no clima ou no mood) a ter relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 6. Pressionar o outro a ter relações sexuais, é algo desejável numa relação.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 7. É difícil perceber quando o outro não quer ter contacto sexual.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 8. Uma das estratégias válidas para conseguir ter relações sexuais é mentir.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 9. Numa relação sexual, devemos sempre satisfazer as necessidades do outro, para não sermos injustos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 10. Numa relação, o contacto sexual é uma forma de demonstrar carinho.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 11. O parceiro sexual deve sentir culpa quando se recusa a ter relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 12. É obrigação do parceiro ceder aos avanços sexuais do outro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 13. É esperado receber algo em troca, quando aceitamos ter relações sexuais com alguém.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 14. Mentir é uma estratégia comum, usada nas relações para se ter o que se quer, como relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 15. Usar drogas ou consumir álcool é um bom indicador de que estamos disponíveis para ter relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 16. O consentimento das relações sexuais é algo difícil de perceber no comportamento do outro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

## Questionário 6

Leia cada afirmação e selecione a sua resposta numa escala crescente de **1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente)**:

C.A.

	1	2	3	4	5
* 1. Numa relação, sinto-me bem perante a obrigação de ter relações sexuais quando o outro quer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 2. Quando o meu parceiro me diz que não quer ter relações sexuais, eu sinto que é apenas uma forma de apimentar a situação sexual	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 3. Eu sinto-me bem quando o meu parceiro insiste comigo, quando eu me recuso a ter relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 4. Eu não gosto quando o meu parceiro usa um pouco de força na relação sexual.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 5. Eu sinto que é positivo forçar o parceiro para que ele fique propício (entre no clima ou no mood) a ter relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 6. Eu não gostaria de pressionar o outro a ter relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 7. Eu sinto que é difícil perceber quando o outro não quer ter contacto sexual.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 8. Eu sinto-me mal quando o meu parceiro não entende quando eu não quero ter contacto sexual.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 9. Eu sinto que é errado mentir para conseguir ter relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 10. Numa relação sexual, eu sinto que sou injusto se não satisfizer as necessidades do outro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 11. Eu sinto que o contacto sexual é uma forma válida de mostrar carinho pelo outro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 12. Culpabilizar o outro quando se recusa a ter relações sexuais é algo incorreto, numa relação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 13. Eu sinto-me bem em ceder aos avanços sexuais do meu parceiro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 14. É positivo receber algo em troca, quando aceitamos ter relações sexuais com alguém.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 15. Mentir para ter relações sexuais é algo útil.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 16. Eu sinto que se consumir drogas ou álcool estou a favorecer os avanços sexuais do meu parceiro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 17. Eu sinto que esperar ou procurar o consentimento é um entrave à relação sexual.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

## Questionário 7

Leia cada afirmação e seleccione a sua resposta numa escala crescente de **1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente)**:

C.C.

	1	2	3	4	5
* 1. Para mim, sempre que um de nós o deseja, temos relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 2. Quando eu digo que não aos avanços sexuais, estou a apimentar a situação sexual.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 3. Eu insisto com o meu parceiro, quando ele se recusa ao contacto sexual.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 4. Eu não forço a relação sexual, para melhorar a satisfação do meu parceiro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 5. Eu forço o meu parceiro para que ele fique propício (entre no clima ou no mood) a ter relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 6. Eu pressiono o outro a ter relações sexuais, porque é algo desejável numa relação.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 7. Eu tenho dificuldade em perceber quando o outro não quer ter contacto sexual	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 8. Mentir é uma das estratégias que eu uso para conseguir ter relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 9. Numa relação sexual, eu satisfaço sempre as necessidades do outro, para não ser injustos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

* 10. Uma das formas de eu demonstrar carinho é através do contacto sexual	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 11. Eu não sinto culpa quando me recuso a ter relações sexuais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 12. Eu obrigo-me a ceder aos avanços sexuais do outro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 13. Eu espero receber algo em troca, quando aceito ter relações sexuais com alguém	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 14. Mentir é uma estratégia que eu utilizo nas minhas relações para ter o que quero, como relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 15. Eu consumo drogas ou álcool quando quero estar mais disponível para ter relações sexuais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 16. Eu tenho dificuldade em perceber o consentimento das relações sexuais, no outro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**ANEXO VI -TABELAS**

**ANOVA**

<b>Model</b>		<b>Sum of Squares</b>	<b>df</b>	<b>Mean Square</b>	<b>F</b>	<b>p</b>
1	Regression	7.34	10	0.73	9.50	< .001
	Residual	2.63	34	0.08		
	Total	9.97	44			
2	Regression	7.34	9	0.82	10.86	< .001
	Residual	2.63	35	0.08		
	Total	9.97	44			
3	Regression	7.33	8	0.92	12.51	< .001
	Residual	2.64	36	0.07		
	Total	9.97	44			
4	Regression	7.32	7	1.05	14.64	< .001
	Residual	2.64	37	0.07		
	Total	9.97	44			
5	Regression	7.30	6	1.22	17.34	< .001
	Residual	2.67	38	0.07		
	Total	9.97	44			
6	Regression	7.22	5	1.44	20.46	< .001
	Residual	2.75	39	0.07		
	Total	9.97	44			
7	Regression	7.14	4	1.78	25.25	< .001
	Residual	2.83	40	0.07		
	Total	9.97	44			
8	Regression	7.00	3	2.33	32.24	< .001
	Residual	2.97	41	0.07		
	Total	9.97	44			

## Coefficients

Model		Unstandardized	Standard Error	Standardized	t	p
1	(Intercept)	2.13	0.95		2.24	0.03
	SexBen	-0.03	0.14	-0.05	-0.18	0.86
	SexHost	-0.01	0.13	-0.02	-0.09	0.93
	TotalDPS	0.03	0.01	0.30	2.57	0.01
	DS_DominC"ncia	-0.22	0.12	-0.19	-1.77	0.09
	DS_Igualdade	-0.04	0.14	-0.03	-0.31	0.76
	Token_refusal	0.03	0.02	0.29	1.70	0.10
	LeadingOnJustForce	0.03	0.03	0.16	1.19	0.24
	WomenLikeForce	0.04	0.02	0.41	2.11	0.04
	MenShouldDomin	-0.02	0.02	-0.15	-0.98	0.33
	NoMeansStop	-5.25e -3	0.02	-0.03	-0.31	0.76
2	(Intercept)	2.15	0.88		2.44	0.02
	SexBen	-0.04	0.06	-0.07	-0.58	0.56
	TotalDPS	0.03	0.01	0.29	2.84	7.41e -3
	DS_DominC"ncia	-0.22	0.11	-0.20	-1.94	0.06
	DS_Igualdade	-0.04	0.13	-0.03	-0.33	0.75
	Token_refusal	0.03	0.02	0.30	1.77	0.09
	LeadingOnJustForce	0.03	0.02	0.17	1.23	0.23
	WomenLikeForce	0.04	0.02	0.41	2.14	0.04
	MenShouldDomin	-0.02	0.02	-0.15	-1.04	0.31
	NoMeansStop	-5.47e -3	0.02	-0.03	-0.33	0.74
3	(Intercept)	1.95	0.62		3.16	3.20e -3
	SexBen	-0.04	0.06	-0.07	-0.57	0.57
	TotalDPS	0.03	0.01	0.29	2.86	7.00e -3
	DS_DominC"ncia	-0.22	0.11	-0.19	-1.95	0.06
	Token_refusal	0.03	0.02	0.29	1.77	0.08
	LeadingOnJustForce	0.03	0.02	0.17	1.30	0.20
	WomenLikeForce	0.04	0.02	0.43	2.38	0.02
	MenShouldDomin	-0.03	0.02	-0.16	-1.13	0.27
	NoMeansStop	-5.24e -3	0.02	-0.03	-0.32	0.75
4	(Intercept)	1.83	0.48		3.80	< .001
	SexBen	-0.03	0.06	-0.07	-0.57	0.58
	TotalDPS	0.03	0.01	0.29	2.88	6.53e -3
	DS_DominC"ncia	-0.21	0.11	-0.19	-1.95	0.06
	Token_refusal	0.03	0.02	0.29	1.79	0.08
	LeadingOnJustForce	0.03	0.02	0.17	1.35	0.19
	WomenLikeForce	0.04	0.02	0.42	2.40	0.02

## Coefficients

Model		Unstandardized	Standard Error	Standardized	t	p
5	MenShouldDomin	-0.03	0.02	-0.17	-1.15	0.26
	(Intercept)	1.74	0.45		3.86	< .001
	TotalDPS	0.03	0.01	0.28	2.85	6.97e - 3
	DS_DominC"ncia	-0.21	0.11	-0.18	-1.91	0.06
	Token_refusal	0.03	0.02	0.25	1.73	0.09
	LeadingOnJustForce	0.03	0.02	0.17	1.34	0.19
	WomenLikeForce	0.04	0.02	0.41	2.36	0.02
6	MenShouldDomin	-0.02	0.02	-0.15	-1.09	0.28
	(Intercept)	1.62	0.44		3.70	< .001
	TotalDPS	0.03	0.01	0.28	2.91	5.94e - 3
	DS_DominC"ncia	-0.17	0.10	-0.16	-1.67	0.10
	Token_refusal	0.03	0.02	0.25	1.71	0.10
	LeadingOnJustForce	0.02	0.02	0.13	1.04	0.30
	WomenLikeForce	0.03	0.02	0.33	2.09	0.04
7	(Intercept)	1.45	0.41		3.56	< .001
	TotalDPS	0.03	9.74e - 3	0.31	3.27	2.20e - 3
	DS_DominC"ncia	-0.14	0.10	-0.12	-1.41	0.17
	Token_refusal	0.03	0.02	0.27	1.90	0.06
	WomenLikeForce	0.04	0.01	0.38	2.63	0.01
	(Intercept)	0.88	0.07		13.19	< .001
	TotalDPS	0.03	9.75e - 3	0.33	3.47	1.23e - 3
8	Token_refusal	0.03	0.02	0.25	1.71	0.09
	WomenLikeForce	0.04	0.01	0.43	2.95	5.29e - 3

## ANOVA

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	p
1	Regression	7.34	10	0.73	9.50	< .001
	Residual	2.63	34	0.08		
	Total	9.97	44			
2	Regression	7.34	9	0.82	10.86	< .001
	Residual	2.63	35	0.08		
	Total	9.97	44			
3	Regression	7.33	8	0.92	12.51	< .001
	Residual	2.64	36	0.07		
	Total	9.97	44			
4	Regression	7.32	7	1.05	14.64	< .001
	Residual	2.64	37	0.07		
	Total	9.97	44			
5	Regression	7.30	6	1.22	17.34	< .001
	Residual	2.67	38	0.07		
	Total	9.97	44			
6	Regression	7.22	5	1.44	20.46	< .001
	Residual	2.75	39	0.07		
	Total	9.97	44			
7	Regression	7.14	4	1.78	25.25	< .001
	Residual	2.83	40	0.07		
	Total	9.97	44			
8	Regression	7.00	3	2.33	32.24	< .001
	Residual	2.97	41	0.07		
	Total	9.97	44			

## Coefficients

Model		Unstandardized	Standard Error	Standardized	t	p
1	(Intercept)	2.13	0.95		2.24	0.03
	SexBen	-0.03	0.14	-0.05	-0.18	0.86
	SexHost	-0.01	0.13	-0.02	-0.09	0.93
	TotalDPS	0.03	0.01	0.30	2.57	0.01
	DS_DominC"ncia	-0.22	0.12	-0.19	-1.77	0.09
	DS_Igualdade	-0.04	0.14	-0.03	-0.31	0.76
	Token_refusal	0.03	0.02	0.29	1.70	0.10
	LeadingOnJustForce	0.03	0.03	0.16	1.19	0.24
	WomenLikeForce	0.04	0.02	0.41	2.11	0.04
	MenShouldDomin	-0.02	0.02	-0.15	-0.98	0.33
	NoMeansStop	-5.25e -3	0.02	-0.03	-0.31	0.76
	2	(Intercept)	2.15	0.88		2.44
SexBen		-0.04	0.06	-0.07	-0.58	0.56
TotalDPS		0.03	0.01	0.29	2.84	7.41e -3

## Coefficients

Model		Unstandardized	Standard Error	Standardized	t	p	
	DS_DominC"ncia	-0.22	0.11	-0.20	-1.94	0.06	
	DS_Igualdade	-0.04	0.13	-0.03	-0.33	0.75	
	Token_refusal	0.03	0.02	0.30	1.77	0.09	
	LeadingOnJustForce	0.03	0.02	0.17	1.23	0.23	
	WomenLikeForce	0.04	0.02	0.41	2.14	0.04	
	MenShouldDomin	-0.02	0.02	-0.15	-1.04	0.31	
	NoMeansStop	-5.47e -3	0.02	-0.03	-0.33	0.74	
3	(Intercept)	1.95	0.62		3.16	3.20e -3	
	SexBen	-0.04	0.06	-0.07	-0.57	0.57	
	TotalDPS	0.03	0.01	0.29	2.86	7.00e -3	
	DS_DominC"ncia	-0.22	0.11	-0.19	-1.95	0.06	
	Token_refusal	0.03	0.02	0.29	1.77	0.08	
	LeadingOnJustForce	0.03	0.02	0.17	1.30	0.20	
	WomenLikeForce	0.04	0.02	0.43	2.38	0.02	
	MenShouldDomin	-0.03	0.02	-0.16	-1.13	0.27	
	NoMeansStop	-5.24e -3	0.02	-0.03	-0.32	0.75	
	4	(Intercept)	1.83	0.48		3.80	< .001
	SexBen	-0.03	0.06	-0.07	-0.57	0.58	
	TotalDPS	0.03	0.01	0.29	2.88	6.53e -3	
	DS_DominC"ncia	-0.21	0.11	-0.19	-1.95	0.06	
	Token_refusal	0.03	0.02	0.29	1.79	0.08	
	LeadingOnJustForce	0.03	0.02	0.17	1.35	0.19	
	WomenLikeForce	0.04	0.02	0.42	2.40	0.02	
	MenShouldDomin	-0.03	0.02	-0.17	-1.15	0.26	
	5	(Intercept)	1.74	0.45		3.86	< .001
	TotalDPS	0.03	0.01	0.28	2.85	6.97e -3	
	DS_DominC"ncia	-0.21	0.11	-0.18	-1.91	0.06	
	Token_refusal	0.03	0.02	0.25	1.73	0.09	
	LeadingOnJustForce	0.03	0.02	0.17	1.34	0.19	
	WomenLikeForce	0.04	0.02	0.41	2.36	0.02	
	MenShouldDomin	-0.02	0.02	-0.15	-1.09	0.28	
	6	(Intercept)	1.62	0.44		3.70	< .001
	TotalDPS	0.03	0.01	0.28	2.91	5.94e -3	
	DS_DominC"ncia	-0.17	0.10	-0.16	-1.67	0.10	
	Token_refusal	0.03	0.02	0.25	1.71	0.10	
	LeadingOnJustForce	0.02	0.02	0.13	1.04	0.30	
	WomenLikeForce	0.03	0.02	0.33	2.09	0.04	
	7	(Intercept)	1.45	0.41		3.56	< .001

**Coefficients**

<b>Model</b>	<b>Unstandardized</b>	<b>Standard Error</b>	<b>Standardized</b>	<b>t</b>	<b>p</b>	
	TotalDPS	0.03	9.74e -3	0.31	3.27	2.20e -3
	DS_DominC"ncia	-0.14	0.10	-0.12	-1.41	0.17
	Token_refusal	0.03	0.02	0.27	1.90	0.06
	WomenLikeForce	0.04	0.01	0.38	2.63	0.01
8	(Intercept)	0.88	0.07		13.19	< .001
	TotalDPS	0.03	9.75e -3	0.33	3.47	1.23e -3
	Token_refusal	0.03	0.02	0.25	1.71	0.09
	WomenLikeForce	0.04	0.01	0.43	2.95	5.29e -3

**Model Summary - cognitiva**

Model	R	R <sup>2</sup>	Adjusted R <sup>2</sup>	RMSE	R <sup>2</sup> Change	F Change	df1	df2	p
1	0.75	0.56	0.44	0.62	0.56	4.66	10	36	< .001
2	0.75	0.56	0.46	0.62	-0.00	-3.76e-3	1	37	1.00
3	0.75	0.56	0.47	0.61	-0.00	-0.20	1	38	1.00
4	0.75	0.56	0.48	0.60	-0.00	-0.33	1	39	1.00
5	0.74	0.55	0.48	0.60	-0.01	-0.78	1	40	1.00
6	0.74	0.55	0.49	0.60	-0.00	-0.30	1	41	1.00
7	0.73	0.54	0.49	0.60	-0.01	-0.79	1	42	1.00
8	0.72	0.52	0.49	0.60	-0.01	-1.31	1	43	1.00

**Coefficients**

Model		Unstandardized	Standard Error	Standardized	t	p
1	(Intercept)	-0.39	1.41		0.28	0.78
	SexBen	-0.13	0.20	-0.14	0.63	0.53
	SexHost	0.15	0.20	0.16	0.75	0.46
	TotalDPS	-9.09e-3	0.02	-0.07	0.49	0.63
	DS_DominC"ncia	0.21	0.22	0.12	0.96	0.35
	DS_Igualdade	0.36	0.25	0.17	1.47	0.15
	Token_refusal	-2.12e-3	0.04	-0.01	0.06	0.95
	LeadingOnJustForce	0.04	0.04	0.30	1.05	0.30
	WomenLikeForce	-0.01	0.03	-0.08	0.39	0.70
	MenShouldDomin	0.07	0.04	0.46	2.05	0.05
	NoMeansStop	-0.03	0.02	-0.17	1.22	0.23
2	(Intercept)	-0.38	1.39		0.28	0.78
	SexBen	-0.13	0.20	-0.14	0.64	0.53
	SexHost	0.15	0.19	0.16	0.76	0.45
	TotalDPS	-9.05e-3	0.02	-0.07	0.50	0.62
	DS_DominC"ncia	0.21	0.21	0.12	1.00	0.33
	DS_Igualdade	0.36	0.24	0.17	1.52	0.14
	LeadingOnJustForce	0.04	0.04	0.29	1.16	0.25

## Coefficients

Model		Unstandardized	Standard Error	Standardized	t	p
3	WomenLikeForce	-0.01	0.03	-0.08	0.44	0.66
	MenShouldDomin	0.07	0.03	0.46	2.09	0.04
	NoMeansStop	-0.03	0.02	-0.17	1.23	0.23
	(Intercept)	-0.54	1.32		0.41	0.68
	SexBen	-0.13	0.20	-0.14	0.66	0.52
	SexHost	0.15	0.19	0.16	0.76	0.45
	TotalDPS	-0.01	0.02	-0.08	0.57	0.57
	DS_DominC"ncia	0.22	0.21	0.12	1.04	0.30
	DS_Igualdade	0.37	0.23	0.18	1.62	0.11
	LeadingOnJustForce	0.04	0.03	0.25	1.09	0.28
4	MenShouldDomin	0.07	0.03	0.43	2.07	0.05
	NoMeansStop	-0.03	0.02	-0.16	1.24	0.22
	(Intercept)	-0.45	1.30		0.34	0.73
	SexBen	-0.18	0.17	-0.19	1.03	0.31
	SexHost	0.16	0.19	0.18	0.88	0.39
	DS_DominC"ncia	0.21	0.21	0.12	1.01	0.32
	DS_Igualdade	0.37	0.23	0.18	1.64	0.11
	LeadingOnJustForce	0.03	0.03	0.23	1.01	0.32
	MenShouldDomin	0.07	0.03	0.43	2.07	0.05
	NoMeansStop	-0.03	0.02	-0.17	1.26	0.21
5	(Intercept)	-0.11	1.24		0.09	0.93
	SexBen	-0.06	0.10	-0.06	0.54	0.59
	DS_DominC"ncia	0.16	0.20	0.09	0.80	0.43
	DS_Igualdade	0.36	0.23	0.18	1.60	0.12
	LeadingOnJustForce	0.04	0.03	0.27	1.20	0.24
	MenShouldDomin	0.06	0.03	0.41	1.99	0.05
	NoMeansStop	-0.03	0.02	-0.17	1.33	0.19
6	(Intercept)	-0.35	1.15		0.30	0.77
	DS_DominC"ncia	0.17	0.19	0.10	0.88	0.38
	DS_Igualdade	0.36	0.23	0.17	1.61	0.11
	LeadingOnJustForce	0.04	0.03	0.26	1.16	0.25

### Coefficients

Model		Unstandardized	Standard Error	Standardized	t	p
7	MenShouldDomin	0.06	0.03	0.40	1.98	0.05
	NoMeansStop	-0.03	0.02	-0.17	1.34	0.19
	(Intercept)	0.15	1.00		0.15	0.88
	DS_Igualdade	0.40	0.22	0.19	1.81	0.08
	LeadingOnJustForce	0.04	0.03	0.25	1.15	0.26
	MenShouldDomin	0.06	0.03	0.40	1.99	0.05
	NoMeansStop	-0.03	0.02	-0.17	1.29	0.20
8	(Intercept)	0.40	0.98		0.40	0.69
	DS_Igualdade	0.40	0.22	0.19	1.79	0.08
	MenShouldDomin	0.09	0.02	0.59	5.08	< .001
	NoMeansStop	-0.04	0.02	-0.23	1.93	0.06

### ANOVA

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	p
1	Regression	18.17	10	1.82	4.66	< .001
	Residual	14.03	36	0.39		
	Total	32.20	46			
2	Regression	18.16	9	2.02	5.32	< .001
	Residual	14.03	37	0.38		
	Total	32.20	46			
3	Regression	18.09	8	2.26	6.09	< .001
	Residual	14.11	38	0.37		
	Total	32.20	46			
4	Regression	17.97	7	2.57	7.04	< .001
	Residual	14.22	39	0.36		
	Total	32.20	46			
5	Regression	17.69	6	2.95	8.13	< .001
	Residual	14.51	40	0.36		
	Total	32.20	46			
6	Regression	17.58	5	3.52	9.87	< .001
	Residual	14.61	41	0.36		
	Total	32.20	46			
7	Regression	17.31	4	4.33	12.20	< .001
	Residual	14.89	42	0.35		
	Total	32.20	46			
8	Regression	16.84	3	5.61	15.72	< .001
	Residual	15.36	43	0.36		
	Total	32.20	46			

**Model Summary - Afetiva**

Model	R	R <sup>2</sup>	Adjusted R <sup>2</sup>	RMSE	R <sup>2</sup> Change	F Change	df1	df2	p
1	0.82	0.67	0.58	0.53	0.67	7.25	10	36	< .001
2	0.82	0.67	0.59	0.52	-0.00	-0.02	1	37	1.00
3	0.82	0.67	0.60	0.52	-0.00	-0.02	1	38	1.00
4	0.81	0.66	0.60	0.51	-0.00	-0.49	1	39	1.00
5	0.81	0.65	0.60	0.51	-0.01	-1.00	1	40	1.00
6	0.80	0.65	0.60	0.51	-0.01	-0.96	1	41	1.00
7	0.80	0.64	0.60	0.51	-0.01	-0.86	1	42	1.00
8	0.80	0.64	0.61	0.51	-0.00	-0.15	1	43	1.00
9	0.79	0.62	0.60	0.51	-0.02	-2.08	1	44	1.00

**ANOVA**

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	p
1	Regression	20.45	10	2.04	7.25	< .001
	Residual	10.15	36	0.28		
	Total	30.60	46			
2	Regression	20.44	9	2.27	8.27	< .001
	Residual	10.16	37	0.27		
	Total	30.60	46			
3	Regression	20.44	8	2.55	9.55	< .001
	Residual	10.16	38	0.27		
	Total	30.60	46			
4	Regression	20.31	7	2.90	10.99	< .001
	Residual	10.29	39	0.26		
	Total	30.60	46			
5	Regression	20.04	6	3.34	12.66	< .001
	Residual	10.56	40	0.26		
	Total	30.60	46			
6	Regression	19.79	5	3.96	15.01	< .001
	Residual	10.81	41	0.26		
	Total	30.60	46			
7	Regression	19.56	4	4.89	18.61	< .001
	Residual	11.04	42	0.26		
	Total	30.60	46			
8	Regression	19.52	3	6.51	25.26	< .001
	Residual	11.08	43	0.26		
	Total	30.60	46			
9	Regression	18.97	2	9.49	35.90	< .001
	Residual	11.63	44	0.26		
	Total	30.60	46			

## Coefficients

Model		Unstandardized	Standard Error	Standardized	t	p	
1	(Intercept)	0.57	1.20		0.47	0.64	
	SexBen	-0.16	0.17	-0.18	0.96	0.35	
	SexHost	0.18	0.17	0.19	1.04	0.31	
	TotalDPS	2.09e -3	0.02	0.02	0.13	0.90	
	DS_DominC"ncia	0.02	0.18	0.01	0.13	0.90	
	DS_Igualdade	0.23	0.21	0.12	1.12	0.27	
	Token_refusal	0.04	0.03	0.24	1.20	0.24	
	LeadingOnJustForce	0.02	0.04	0.16	0.64	0.53	
	WomenLikeForce	0.02	0.03	0.15	0.83	0.41	
	MenShouldDomin	0.03	0.03	0.23	1.16	0.25	
	NoMeansStop	-0.02	0.02	-0.14	1.18	0.25	
2	(Intercept)	0.65	1.01		0.64	0.52	
	SexBen	-0.16	0.17	-0.18	0.96	0.34	
	SexHost	0.17	0.16	0.19	1.05	0.30	
	TotalDPS	2.26e -3	0.02	0.02	0.15	0.88	
	DS_Igualdade	0.24	0.20	0.12	1.18	0.25	
	Token_refusal	0.04	0.03	0.24	1.22	0.23	
	LeadingOnJustForce	0.02	0.03	0.16	0.67	0.51	
	WomenLikeForce	0.02	0.03	0.15	0.84	0.41	
	MenShouldDomin	0.03	0.03	0.23	1.18	0.25	
	NoMeansStop	-0.02	0.02	-0.14	1.19	0.24	
	3	(Intercept)	0.63	0.99		0.64	0.53
SexBen		-0.15	0.15	-0.17	1.02	0.31	
SexHost		0.17	0.16	0.18	1.06	0.30	
DS_Igualdade		0.24	0.20	0.12	1.20	0.24	
Token_refusal		0.03	0.03	0.24	1.23	0.23	
LeadingOnJustForce		0.02	0.03	0.17	0.70	0.49	
WomenLikeForce		0.03	0.03	0.15	0.88	0.38	
MenShouldDomin		0.03	0.03	0.23	1.19	0.24	
NoMeansStop		-0.02	0.02	-0.14	1.20	0.24	
4		(Intercept)	0.70	0.97		0.72	0.47
		SexBen	-0.16	0.15	-0.18	1.10	0.28
	SexHost	0.17	0.16	0.19	1.09	0.28	
	DS_Igualdade	0.23	0.20	0.12	1.18	0.25	
	Token_refusal	0.04	0.03	0.29	1.72	0.09	
	WomenLikeForce	0.03	0.03	0.17	1.00	0.32	

## Coefficients

Model		Unstandardized	Standard Error	Standardized	t	p
5	MenShouldDomin	0.05	0.02	0.31	2.03	0.05
	NoMeansStop	-0.03	0.02	-0.16	1.45	0.16
	(Intercept)	1.01	0.92		1.09	0.28
	SexBen	-0.15	0.15	-0.17	1.03	0.31
	SexHost	0.16	0.16	0.18	1.04	0.30
	DS_Igualdade	0.19	0.19	0.09	0.98	0.33
	Token_refusal	0.06	0.02	0.37	2.44	0.02
6	MenShouldDomin	0.06	0.02	0.38	2.81	7.63e-3
	NoMeansStop	-0.03	0.02	-0.16	1.47	0.15
	(Intercept)	1.74	0.54		3.22	2.51e-3
	SexBen	-0.14	0.15	-0.16	0.97	0.34
	SexHost	0.14	0.16	0.16	0.93	0.36
	Token_refusal	0.06	0.02	0.39	2.61	0.01
	MenShouldDomin	0.06	0.02	0.36	2.73	9.38e-3
7	NoMeansStop	-0.03	0.02	-0.15	1.34	0.19
	(Intercept)	1.83	0.53		3.44	1.32e-3
	SexBen	-0.03	0.09	-0.04	0.39	0.70
	Token_refusal	0.06	0.02	0.43	2.95	5.11e-3
	MenShouldDomin	0.05	0.02	0.35	2.65	0.01
	NoMeansStop	-0.03	0.02	-0.16	1.43	0.16
	(Intercept)	1.73	0.46		3.75	< .001
8	Token_refusal	0.06	0.02	0.41	3.00	4.45e-3
	MenShouldDomin	0.05	0.02	0.35	2.68	0.01
	NoMeansStop	-0.03	0.02	-0.16	1.46	0.15
	(Intercept)	1.08	0.12		8.97	< .001
	Token_refusal	0.07	0.02	0.48	3.66	< .001
	MenShouldDomin	0.06	0.02	0.37	2.82	7.24e-3
	(Intercept)	1.08	0.12		8.97	< .001

### Model Summary - Comportamental

Model	R	R <sup>2</sup>	Adjusted R <sup>2</sup>	RMSE	R <sup>2</sup> Change	F Change	df1	df2	p
1	0.73	0.53	0.40	0.66	0.53	4.07	10	36	< .001
2	0.73	0.53	0.42	0.65	-0.00	-2.92e-3	1	37	1.00
3	0.73	0.53	0.43	0.64	-0.00	-0.01	1	38	1.00
4	0.73	0.53	0.44	0.64	-0.00	-0.12	1	39	1.00
5	0.73	0.53	0.46	0.63	-0.00	-0.19	1	40	1.00
6	0.72	0.53	0.47	0.62	-0.00	-0.12	1	41	1.00
7	0.72	0.51	0.47	0.62	-0.01	-0.92	1	42	1.00

### ANOVA

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	p
1	Regression	17.71	10	1.77	4.07	< .001
	Residual	15.67	36	0.44		
	Total	33.38	46			
2	Regression	17.71	9	1.97	4.64	< .001
	Residual	15.67	37	0.42		
	Total	33.38	46			
3	Regression	17.70	8	2.21	5.36	< .001
	Residual	15.68	38	0.41		
	Total	33.38	46			
4	Regression	17.65	7	2.52	6.25	< .001
	Residual	15.73	39	0.40		
	Total	33.38	46			
5	Regression	17.58	6	2.93	7.42	< .001
	Residual	15.80	40	0.40		
	Total	33.38	46			
6	Regression	17.53	5	3.51	9.07	< .001
	Residual	15.85	41	0.39		
	Total	33.38	46			
7	Regression	17.18	4	4.29	11.13	< .001
	Residual	16.20	42	0.39		
	Total	33.38	46			

### Coefficients

Model		Unstandardized	Standard Error	Standardized	t	p
1	(Intercept)	0.42	1.49		0.28	0.78
	SexBen	-0.10	0.21	-0.11	0.46	0.65
	SexHost	0.23	0.21	0.25	1.11	0.28
	TotalDPS	9.02e-3	0.02	0.07	0.46	0.65

## Coefficients

Model		Unstandardized	Standard Error	Standardized	t	p
	DS_DominC"ncia	-0.01	0.23	-6.70e -3	-0.05	0.96
	DS_Igualdade	0.46	0.26	0.22	1.76	0.09
	Token_refusal	3.87e -3	0.04	0.02	0.10	0.92
	LeadingOnJustForce	0.03	0.04	0.21	0.71	0.48
	WomenLikeForce	-0.01	0.04	-0.08	-0.36	0.72
	MenShouldDomin	0.04	0.04	0.27	1.15	0.26
	NoMeansStop	-0.05	0.03	-0.29	-2.05	0.05
2	(Intercept)	0.38	1.25		0.30	0.76
	SexBen	-0.10	0.21	-0.11	-0.48	0.64
	SexHost	0.24	0.20	0.25	1.16	0.25
	TotalDPS	8.93e -3	0.02	0.07	0.46	0.64
	DS_Igualdade	0.45	0.25	0.21	1.80	0.08
	Token_refusal	4.22e -3	0.04	0.03	0.12	0.91
	LeadingOnJustForce	0.03	0.04	0.21	0.72	0.47
	WomenLikeForce	-0.01	0.04	-0.08	-0.36	0.72
	MenShouldDomin	0.04	0.04	0.27	1.17	0.25
	NoMeansStop	-0.05	0.03	-0.29	-2.08	0.04
3	(Intercept)	0.35	1.21		0.29	0.77
	SexBen	-0.10	0.21	-0.11	-0.48	0.63
	SexHost	0.24	0.20	0.25	1.23	0.23
	TotalDPS	8.81e -3	0.02	0.07	0.47	0.64
	DS_Igualdade	0.46	0.24	0.22	1.90	0.06
	LeadingOnJustForce	0.03	0.04	0.23	0.88	0.39
	WomenLikeForce	-0.01	0.03	-0.07	-0.35	0.73
	MenShouldDomin	0.04	0.04	0.26	1.18	0.25
	NoMeansStop	-0.05	0.02	-0.29	-2.14	0.04
4	(Intercept)	0.24	1.16		0.21	0.83
	SexBen	-0.10	0.20	-0.11	-0.49	0.62
	SexHost	0.24	0.19	0.25	1.23	0.23
	TotalDPS	7.97e -3	0.02	0.06	0.43	0.67
	DS_Igualdade	0.47	0.24	0.22	2.00	0.05
	LeadingOnJustForce	0.03	0.04	0.20	0.82	0.42
	MenShouldDomin	0.04	0.03	0.24	1.14	0.26

### Coefficients

Model		Unstandardized	Standard Error	Standardized	t	p
5	NoMeansStop	-0.05	0.02	-0.29	2.15	0.04
	(Intercept)	0.20	1.14		0.17	0.86
	SexBen	-0.06	0.18	-0.06	0.34	0.74
	SexHost	0.22	0.19	0.23	1.18	0.25
	DS_Igualdade	0.48	0.23	0.22	2.03	0.05
	LeadingOnJustForce	0.03	0.03	0.21	0.91	0.37
	MenShouldDomin	0.04	0.03	0.25	1.16	0.25
6	NoMeansStop	-0.05	0.02	-0.29	2.16	0.04
	(Intercept)	0.18	1.13		0.16	0.87
	SexHost	0.17	0.11	0.18	1.55	0.13
	DS_Igualdade	0.47	0.23	0.22	2.03	0.05
	LeadingOnJustForce	0.03	0.03	0.22	0.96	0.34
	MenShouldDomin	0.04	0.03	0.24	1.14	0.26
7	NoMeansStop	-0.05	0.02	-0.29	2.21	0.03
	(Intercept)	0.32	1.12		0.29	0.78
	SexHost	0.19	0.11	0.20	1.74	0.09
	DS_Igualdade	0.47	0.23	0.22	2.03	0.05
	MenShouldDomin	0.06	0.02	0.40	3.27	2.18e-3
	NoMeansStop	-0.06	0.02	-0.34	2.81	7.48e-3

### Model Summary - Vitima

Model	R	R <sup>2</sup>	Adjusted R <sup>2</sup>	RMSE	R <sup>2</sup> Change	F Change	df1	df2	p
H <sub>0</sub>	0.00	0.00	0.00	0.90	0.00		0	46	
H <sub>1</sub>	0.89	0.80	0.78	0.42	0.80	55.77	3	43	< .001

### ANOVA

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	p
H <sub>1</sub>	Regression	29.38	3	9.79	55.77	< .001
	Residual	7.55	43	0.18		
	Total	36.93	46			

Note. The intercept model is omitted, as no meaningful information can be shown.

**Coefficients**

<b>Model</b>		<b>Unstandardized</b>	<b>Standard Error</b>	<b>Standardized</b>	<b>t</b>	<b>p</b>
H <sub>0</sub>	(Intercept)	0.66	0.13		5.05	< .001
H <sub>1</sub>	(Intercept)	-0.95	0.16		-6.12	< .001
	Afetiva	-0.34	0.18	-0.31	-1.87	0.07
	Comportamental	0.48	0.15	0.45	3.24	2.28e-3
	cognitiva	0.82	0.15	0.77	5.54	< .001

**Model Summary - Perpetuador**

<b>Model</b>	<b>R</b>	<b>R<sup>2</sup></b>	<b>Adjusted R<sup>2</sup></b>	<b>RMSE</b>	<b>R<sup>2</sup> Change</b>	<b>F Change</b>	<b>df1</b>	<b>df2</b>	<b>p</b>
H <sub>0</sub>	0.00	0.00	0.00	0.87	0.00		0	46	
H <sub>1</sub>	0.91	0.82	0.81	0.38	0.82	65.65	3	43	< .001

**ANOVA**

<b>Model</b>		<b>Sum of Squares</b>	<b>df</b>	<b>Mean Square</b>	<b>F</b>	<b>p</b>
H <sub>1</sub>	Regression	29.38	3	9.79	55.77	< .001
	Residual	7.55	43	0.18		
	Total	36.93	46			

*Note.* The intercept model is omitted, as no meaningful information can be shown.

**Coefficients**

<b>Model</b>		<b>Unstandardized</b>	<b>Standard Error</b>	<b>Standardized</b>	<b>t</b>	<b>p</b>
H <sub>0</sub>	(Intercept)	0.66	0.13		5.05	< .001
H <sub>1</sub>	(Intercept)	-0.95	0.16		-6.12	< .001
	Afetiva	-0.34	0.18	-0.31	-1.87	0.07
	Comportamental	0.48	0.15	0.45	3.24	2.28e-3
	cognitiva	0.82	0.15	0.77	5.54	< .001